

Franz Kafka Porto Domingos

**PORTUGUÊS BRASILEIRO E LIBRAS: ELOS COESIVOS
EM TEXTOS EM RELAÇÃO TRADUTÓRIA**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução da
Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito para a
obtenção do Grau de Mestre em
Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria
Lúcia Vasconcellos

Coorientadora: Prof.^a Dra.
Ronice Muller de Quadros

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Domingos, Franz Kafka Porto
PORTUGUÊS BRASILEIRO E LIBRAS : ELOS COESIVOS EM TEXTOS
EM RELAÇÃO TRADUTÓRIA / Franz Kafka Porto Domingos ;
orientadora, Maria Lúcia Vasconcellos ; co-orientadora,
Ronice Muller de Quadros. - Florianópolis, SC, 2013.
181 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. PORTUGUES BRASILEIRO. 3.
LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS. 4. ELOS COESIVOS. 5. TRADUÇÃO
COMENTADA. I. Vasconcellos, Maria Lúcia. II. Muller de
Quadros, Ronice. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.
IV. Título.

Franz Kafka Porto Domingos

**PORTUGUÊS BRASILEIRO E LIBRAS: ELOS COESIVOS
EM TEXTOS EM RELAÇÃO TRADUTÓRIA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Estudos da Tradução”, tendo sido aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução/UFSC.

Florianópolis, 08 de novembro de 2013.

Prof.^a Dra. Andréia Guerini
Coordenadora da PGET

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Lúcia Vasconcellos
Orientadora - Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Ronice Muller de Quadros
Coorientadora - Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Aline Lemos Pizzio
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dra. Silvana Aguiar dos Santos
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Vilmar Silva
Instituto Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer às pessoas que me ajudaram diretamente nesta pesquisa. Às mulheres da minha vida, que por estimativa chegam a 95% dos agradecimentos: minha mãe Kátia Porto, a mulher mais complicadamente interessante, a maior sorte que tive nesta vida e um bom exemplo em todos os aspectos. Minhas professoras/alfabetizadoras Laís dos Santos de Sousa e Edilma, bons tempos de Marista! Ao destino e a Karina Oyama, por ter unido meu caminho com o da minha primeira professora de Libras, Lídia Maria Nogueira. A belíssima (com todo respeito) Marianne Rossi Stumpf, minha grande influência na escrita de sinais. Através dela viajei milhas e milhas para cursar o curso de Letras Libras (UFSC) e refinar minha escrita de sinais. À Janine Soares de Oliveira, a chave mágica que abriu portas importantes na minha vida acadêmica. Por meio dela, conheci minha Coorientadora Ronice Muller Quadros, a qual nunca me negou ajuda e foi ela que me apresentou à criatura mais absurdamente genial que eu já conheci: Maria Lúcia Vasconcellos. Não poderia esquecer a Soelge Mendes da Silva, por todo apoio, carinho e idéias fantásticas. Minhas amigas/irmãs Karina Elis e Michelle Cristini Pacheco, quando penso em vocês entro em Nirvana! Raabe Moro obrigado por sistematizar meus estudos. Silvana Aguiar dos Santos por despertar minha paixão pela área disciplinar dos Estudos da Tradução. Renata Cittadin por preencher minha força vital nos momentos que eu mais precisei. E por fim, agradeço à Bárbara Raquel Peres, o melhor presente que Florianópolis pôde me dar, amiga para toda hora. Sem ela, eu não conseguiria concluir essa pesquisa.

Os outros 5%, não menos importante, meu pai Sr. Domingos, a eterna criança que dá sentido a minha vida. Ao meu irmão Franz Klaus... Ao Helano Jader e a bendita ideia de viajar pra Buenos Aires. Rundesth Saboia Nobre, pelas discussões produtivas sobre Escrita de Sinais. Meu Tio Venâncio Sousa Neto, por ter me ensinado a qualidade de ser ácido e crítico em todas as perspectivas. E aos meus amigos Venícios Linden e Ringo Bez, por toda distração e boas risadas em momentos caóticos...

*Quaere Scientiam.
Et bilu*

RESUMO

Este estudo apresenta uma investigação acerca dos elos coesivos na tradução para o Português Brasileiro do primeiro artigo acadêmico redigido em Língua Brasileira de Sinais. De autoria de Marianne Rossi Stumpf e Ronice Muller de Quadros, o trabalho é

intitulado  “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa”, publicado no periódico Cadernos de Tradução nº 26 – 2010/2. O arcabouço teórico informado na pesquisa é constituído pelo modelo de elos coesivos, proposto por Baker (2011), com base na Gramática Sistemico-Funcional. Este trabalho concentra-se nos mecanismos de coesão, exemplificados pelos elos de ligação

. O objetivo da pesquisa é duplo: apresentar a tradução do referido artigo e as reflexões retrospectivas sobre o fazer tradutório. A metodologia de trabalho inclui: (i) Tabela de Tradução de Glosa; (ii) Procedimentos adotados para a condução da Entrevista; (iii) Categorias adotadas: análise dos Elos Coesivos. Esta dissertação sobre Escrita de Sinais busca contribuir para a consolidação da pesquisa em Língua Brasileira de Sinais, no contexto dos Estudos da Tradução de viés linguístico. Percebeu-se a falta de publicações nesta área, o que justifica a importância deste trabalho. Durante a execução da tradução do artigo, ocorreram algumas dificuldades, principalmente em relação à existência de diferentes normas estabelecidas para o uso dos mecanismos de coesão em diferentes línguas. Notou-se que os elos de coesão promovem uma série de questões que refletem na tradução.

Palavras-Chave: Língua Brasileira de Sinais; Português Brasileiro; elos coesivos; tradução comentada.

Número de páginas: 99 (excluindo anexos/apêndice)

Número de páginas: 159 (incluindo anexos/apêndice)

Número de palavras 24.177 (excluindo anexos/apêndice)

ABSTRACT

This study presents an investigation of the cohesive ties in translation into Brazilian Portuguese of the first academic paper written in Brazilian Sign Language, by Marianne Rossi Stumpf and Ronice Muller Quadros,

entitled      " Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa " , published in the journal "Cadernos de Tradução" Nº 26 - 2010/2. The theoretical framework that informs the research consists of the cohesive tie model proposed by Baker (2011), based on Systemic-Functional Grammar (Halliday; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). This paper focuses on the cohesion mechanisms,

exemplified by the cohesive ties , ,  and . The goal of the research is twofold: to present the translation of that article and some retrospective reflections on the translation task itself. The methodology includes: (i) Translation Table of Disallowance (ii) Procedures adopted to conduct the interview, and (iii) categories adopted for analysis of Cohesive Ties according to Baker (2011). This dissertation, focusing on sign writing, seeks to contribute to the consolidation of research in Brazilian Sign Language in the context linguistic perspectives in Translation Studies. The current lack of publications in this area of knowledge partly explains the importance of this work. During the article's translating process some difficulties appeared, especially concerning the existence of conflicting standards for the use of cohesion mechanisms in different languages. It was noted that the cohesive ties promote a series of translate related questions.

Keywords: Brazilian Sign Language; Brazilian Portuguese; cohesive ties; commented translation.

Number of pages: 99 (excluding annexes/appendix)

Number of pages: 159 (including annexes/appendix)

Number of words: 24.177 (excluding annexes/appendix)

LISTA FIGURAS

Figura 1	2
Capa do periódico, Cadernos de Tradução 2010/2 nº XXVI - Vol. Esp. Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais	
Figura 2	4
Marcas de Formalidade (à esq.) e de Informalidade (à dir.) – fotografia da posição inicial do sinal	
Figura 3	5
Exemplificação de alguns títulos do artigo “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa”: visualização conforme o original e visualização pelo programa Adobe Photoshop CS4 (p. 167)	
Figura 4	20
Páginas 60 e 61, do oitavo volume da Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira, que se referem sobre conjunção	
Figura 5	22
Refere-se a escrita de sinais em SignWriting®, com referentes tridimensionais (mão + locação + movimento)	
Figura 6	26
Exemplo de movimento, olhar e espaço – fotografia da posição inicial da escrita de sinais	
Figura 7	27
Exemplos de 'bóia' (LIDDELL, 2003) – fotografia da posição inicial da escrita de sinais	
Figura 8	28
Exemplo de dêitico em escrita de sinais, página 194, linha 4, coluna 2 do corpus dessa pesquisa	
Figura 9	29
Exemplo de tabela de tradução de glosa, construída de maneira tabular dividida em células	
Figura 10	34
Imagem da Tabela de Tradução de Glosa	
Figura 11	35
Sinais registrados com (XXX). Após a entrevista, identificados,	

de cima para baixo, como “INCLUSÃO” e “MAS” - fotografia da posição inicial da escrita de sinais

Figura 12	36
Sinais registrados com (YYY). Após a entrevista, identificados, de cima para baixo, como “USAR” e “UNIVERSIDADE” em algumas regiões no Sul do Brasil – fotografia da posição inicial da escrita de sinais	
Figura 13	37
Elos coesivos com a possível tradução, respectivamente em vermelho, azul e verde, de “ENTÃO”, “POR ISSO” e “MAS”	
Figura 14	39
Tradução da página não revisada da p. 179 dígito 13	
Figura 15	39
Ilustração explicativa do método numérico bipartido	
Figura 16	40
Sinais referentes às partículas de conjunção na seguinte ordem: “então”, “mas” e “por isso”	
Figura 17	41
Exemplo da análise sobre questões de pontuação	
Figura 18	42
Exemplo da análise sobre questões de diferença de interpretação	
Figura 19	43
Exemplo da análise sobre questões de Redundância e Omissão	
Figura 20	44
Exemplo da análise de variação na expressão	
Figura 21	45
Exemplo da análise de marcações não-manuais	
Figura 22	49
Exemplo de questão de pontuação da página 177	
Figura 23	52
Exemplo de questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português da página 169	
Figura 24	54
Exemplo de Questões de Redundância e Omissão da página 176	
Figura 25	55
Exemplo de Questões de Redundância e Omissão da página 176	

Figura 26	57
Exemplo de questão de variação na expressão do elo coesivo ‘então’ em português da página 195	
Figura 27	59
Exemplo de questão de variação na expressão do elo coesivo “mas” em português da página 191.	
Figura 28	61
Exemplo de questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português	
Figura 29	63
Exemplo de Questões de pontuação, página 195	
Figura 30	64
Exemplo de questões de redundância e omissão	
Figura 31	65
Exemplo de questões de variação na expressão do elo coesivo “por isso” em português	
Figura 32	66
Exemplo de questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português	
Figura 33	68
Ocorrência dos sinais não-manuais no texto-fonte	
Figura 34	73
Exemplo de pontuação em escrita de sinais	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	14
Comparativo da Língua de Sinais com a Língua Oral com base em Barros (2008)	
Tabela 2	33
Códigos convencionalizados para tradução de glosa desta pesquisa	
Tabela 3	37
Tabela de conjunção e tradução (BAKER, 2011, p. 200)	
Tabela 4	44
Questões relativas a variação na expressão	
Tabela 5	48
Variação na expressão do elo coesivo “então”	
Tabela 6	58
Variação na expressão do elo coesivo “mas”	
Tabela 7	62
Variação na expressão do elo coesivo “por isso”	

LISTA DE ABREVIACOES

ASL	American Sign Language
DAC	Deaf Action Committee
DV	Description Verb
ELIS	Escrita das Línguas de Sinais
FS	Finger Spelling
ISL	Israeli Sign Language
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LO	Línguas Orais
LS	Línguas de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSF	Linguística Sistmica Funcional
MLMov	Mão + Locao + Movimento
PB	Português Brasileiro
PDF	Portable Document Format
PGET	Pós Graduao em Estudos da Traduo
PP	Perguntas da Pesquisa
SEL	Sistema de Escrita de Libras
TILS	Tradutor Intprete de Língua de Sinais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1.1 REFLEXÕES INICIAIS	1
1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CORPUS	2
1.3 RELEVÂNCIA DO PROJETO E OBJETIVOS	6
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	7
2. QUADRO TEÓRICO	9
2.1 REVISÃO DOS TRABALHOS EM ESCRITA DE SINAIS	9
2.1.1 “APRENDIZAGEM DE ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS PELO SISTEMA SIGNWRITING®: LÍNGUAS DE SINAIS NO PAPEL E NO COMPUTADOR”, DA DRA. STUMPF (2005)	10
2.1.2 “ELiS – ESCRITA DAS LÍNGUAS DE SINAIS: PROPOSTA TEÓRICA E VERIFICAÇÃO PRÁTICA” DE BARROS (2008)	13
2.1.3 ASPECTOS DA LEITURA E ESCRITA DE SINAIS: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS SURDOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E DE UNIVERSITÁRIOS SURDOS E OUVINTES DE WANDERLEY (2012)	16
2.1.4 “ENCICLOPÉDIA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. O MUNDO DO SURDO EM LIBRAS”, DE RAPHAEL E CAPOVILLA (2005)	17
2.1.5 “LIBRAS ESCRITA: DESAFIO DE REPRESENTAR UMA LÍNGUA TRIDIMENSIONAL POR UM SISTEMA DE ESCRITA LINEAR”, ADRIANA STELLA CARDOSO LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012.	21
2.2 MODELO DE ANÁLISE DOS ELOS COESIVOS	22
2.3 CONCEITOS UTILIZADOS	27
2.3.1 DÊTICO	27
2.3.2 OMISSÃO	28
2.3.3 TRADUÇÃO DE GLOSA	29
2.3.4 TRADUÇÃO INDIRETA	30

3. METODOLOGIA	32
3.1 TABELAS DE TRADUÇÃO DE GLOSA E DE CONVENÇÃO	32
3.2 PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA A CONDUÇÃO DA ENTREVISTA	34
3.3 CATEGORIAS ADOTADAS: ANÁLISE DOS ELOS COESIVOS	36
SEGUNDO BAKER (2011)	36
3.3.1 LEVANTAMENTO DE ELOS COESIVOS REFERENTE AO MECANISMO DE CONJUNÇÃO NA TRADUÇÃO DE GLOSA	36
3.3.2 ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO DOS ELOS COESIVOS, CONFORME BAKER (2011)	37
3.3.3 PRODUÇÃO DE UMA TRADUÇÃO COMENTADA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO COM ATENÇÃO ANALÍTICA AOS ELOS COESIVOS	38
3.3.4 LEVANTAMENTO DAS QUESTÕES RELACIONADAS AOS COMPORTAMENTOS DOS ELOS COESIVOS	40
4. COMENTÁRIOS SOBRE O PROCESSO TRADUTÓRIO:	47
UMA ANÁLISE RETROSPECTIVA	47
4.1 TRADUÇÃO DE 	48
4.1.1 QUESTÕES DE PONTUAÇÃO	48
4.1.2 QUESTÕES DE DIFERENÇAS DE INTERPRETAÇÃO DO ELO COESIVO EM PORTUGUÊS	50
4.1.3 QUESTÕES DE REDUNDÂNCIA E OMISSÃO	53
4.1.4 QUESTÃO DE VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DO ELO COESIVO ‘ENTÃO’ EM PORTUGUÊS.	56
4.2 TRADUÇÃO DE 	58
4.2.1 QUESTÃO DE VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DO ELO COESIVO ‘MAS’ EM PORTUGUÊS	58

4.2.2 QUESTÕES DE DIFERENÇAS DE INTERPRETAÇÃO DO ELO COESIVO EM PORTUGUÊS	60
4.3 TRADUÇÃO DO SINAL 	61
4.3.1 QUESTÕES DE PONTUAÇÃO	62
4.3.2 QUESTÕES DE REDUNDÂNCIA E OMISSÃO	63
4.3.3 QUESTÃO DE VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DO ELO COESIVO 'POR ISSO' EM PORTUGUÊS.	65
4.3.4 QUESTÕES DE DIFERENÇAS DE INTERPRETAÇÃO DO ELO COESIVO EM PORTUGUÊS	66
4.4 QUESTÕES DE MARCAÇÃO NÃO-MANUAIS	67
4.5 REFLEXÕES FINAIS DOS COMENTÁRIOS	68
<u>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>70</u>
5.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	70
5.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	70
5.3 SUGESTÕES DE PESQUISAS FUTURAS	72
5.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS COMENTÁRIOS	74
5.4.1 QUESTÕES DE PONTUAÇÃO	74
5.4.2 QUESTÕES DE DIFERENÇAS DE INTERPRETAÇÃO DO ELO COESIVO EM PORTUGUÊS	74
5.4.3 QUESTÕES DE REDUNDÂNCIA E OMISSÃO	75
5.4.4 QUESTÕES DE VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DO ELO COESIVO EM PORTUGUÊS	76
5.5.5 QUESTÕES DE MARCAÇÃO NÃO-MANUAIS	76
5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	<u>77</u>
<u>ANEXOS</u>	<u>81</u>
<u>APÊNDICE</u>	<u>117</u>

1.1 Reflexões Iniciais

A interface entre Linguística Sistêmica-Funcional (LSF) e os estudos de línguas de sinais se faz presente desde 1992 no contexto internacional, ou até antes (JOHNSTON, 1992). Já no contexto brasileiro, foi o Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002, a qual reconhece a Língua Brasileira de Sinais Libras como a língua oficial da comunidade surda brasileira.

Em consequência disso, o ensino de Libras como disciplina curricular obrigatória passou a ser exigida em cursos de formação de professores. Esse Decreto atinge todos os cursos de licenciatura, o curso regular de nível médio, o curso regular superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial. Isso tanto nas universidades públicas quanto nas particulares, e visa à formação de professores capazes de trabalhar na educação de alunos com surdez.

Tal medida impulsionou, em 2008, o estabelecimento da área de Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (TILS) no Brasil. Por meio de um projeto subsidiado pelo Ministério da Educação, cursos de bacharelado em Libras foram implementados em 15 (quinze) universidades brasileiras. Dentre estas, inclui-se a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com a criação do Curso de Bacharelado – Letras/Libras – coordenado por Ronice M. de Quadros.

A partir dessa iniciativa, teve-se um aumento na quantidade de dissertações e teses em Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais. Adicionalmente, foi organizado na UFSC, em 2008, o I Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais – TILS.

Seguiu-se a publicação de um volume especial do periódico “*Cadernos de Tradução*”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC) dedicado a TILS: Caderno de Tradução – 2010/2 - nº XXVI - Vol. Esp. Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, organizado por Ronice M. de Quadros (Figura 1).

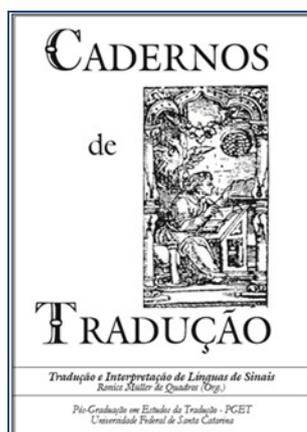


Figura 1: Capa do periódico, Cadernos de Tradução 2010/2 n° XXVI - Vol. Esp. Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais.

Um dos artigos deste volume é a primeira publicação acadêmica em Escrita de Sinais – Libras: “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: formação e pesquisa”, de Marianne Stumpf e Ronice M. de Quadros (UFSC). Ambas são especialistas em Libras, sendo também o corpus desta pesquisa.

O objeto desta pesquisa é a relação entre o par linguístico Libras – Português Brasileiro, a partir da perspectiva dos elos coesivos das partículas , e , sendo estas, respectivamente, uma possível tradução de “então”, “mas” e “por isso” do artigo citado anteriormente.

Neste contexto, este trabalho se insere na interface entre o campo disciplinar dos Estudos da Tradução e da Linguística Sistêmica-Funcional na concepção do funcionalismo moderado, como proposta por Halliday desde o final da década de 60, e conforme apresentada em Halliday e Matthiessen (2004). Além disso, busca ampliar o diálogo entre esses campos disciplinares no contexto brasileiro, com o intuito de incluir uma nova dimensão de investigação. Partindo da “Análise Textual e Tradução” (WILLIAMS e CHESTERMANN, 2002), “Tradução Comentada”, foi realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), da (UFSC).1.2 Contextualização do Corpus

A audiência pretendida pelo texto “Tradução e interpretação da língua brasileira de sinais: formação e pesquisa” não é apenas composta por professores e estudantes dos cursos de Letras-Libras/UFSC e pós-graduandos de Estudos da Tradução e Linguística. Mas também visa incluir membros da comunidade surda, engajados na visibilidade da cultura surda no cenário brasileiro. É nesse contexto de disseminação da cultura surda e da pesquisa em Tradução e Interpretação da Língua de Sinais, que surge o projeto de tradução comentada do artigo para o Português Brasileiro, de tal forma a disponibilizar seu conteúdo a leitores falantes de português.

Para além do aspecto contextual mencionado, o artigo, publicação pioneira acadêmica em Escrita de Sinais, suscitou muitas questões, que foram levantadas no decorrer da presente pesquisa. , aspectos relevantes surgiram na página 167, primeira página do artigo em Escrita de Sinais (sendo as duas páginas anteriores escritas em português e inglês, referentes ao resumo e abstract, respectivamente): marcas de formalidade/informalidade, leitura vertical/horizontal e alinhamento.

O próprio artigo tem características textuais específicas, que chamam a atenção de pesquisa:

- (i) O texto originalmente escrito em inglês, traduzido para Libras (tradução indireta) e, a partir desta língua, foi traduzido para o Português Brasileiro (PB);
- (ii) Mesmo se tratando de um artigo científico, o texto em Libras aparentemente não segue as convenções de formalidade do registro acadêmico, embora seja ainda prematuro fazer maiores generalizações, uma vez que o discurso acadêmico em Libras está em fase de construção.

A Figura 2 ilustra os aspectos de formalidade/informalidade da página 167 do periódico:



Figura 2: Marcas de Formalidade (à esq.) e de Informalidade (à dir.) – fotografia da posição inicial do sinal.

Com relação à leitura vertical/horizontal, convencional para os textos em Escrita de Sinais que são lidos verticalmente, houve uma situação problemática. O título estava escrito na horizontal sem nenhum destaque, confundindo assim a leitura. Esta informação corresponde também aos subtítulos do artigo, o que ficou evidente com a visualização pelo *Adobe Photoshop CS4*, quando foi importado o artigo em *Portable Document Format* (PDF) para o editor de imagens.

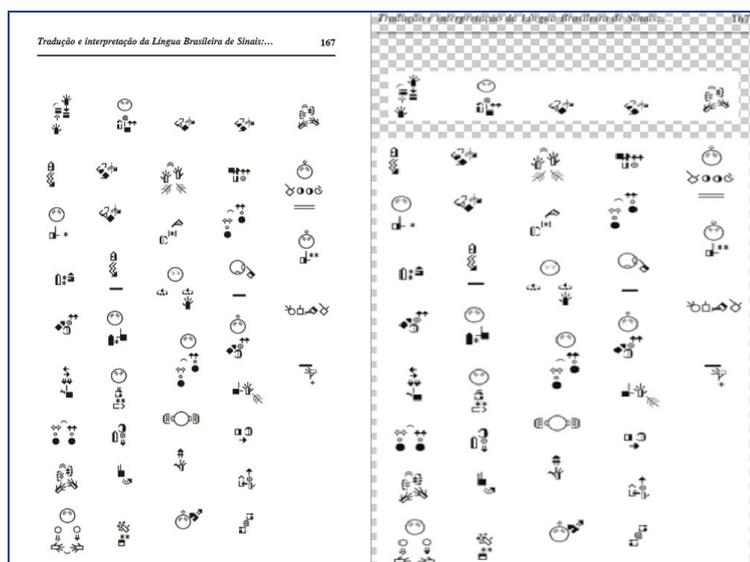


Figura 3: Exemplificação de alguns títulos do artigo “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa”: visualização conforme o original e visualização pelo programa Adobe Photoshop CS4 (p. 167).

O terceiro aspecto se refere à formatação do texto da página 167. Algumas colunas variam em relação à quantidade de sinais, o que interfere na configuração do alinhamento convencional de artigos acadêmicos, tipicamente formatados no ‘alinhamento justificado’. Como mostra a Figura 3, as duas primeiras colunas possuem 09 (nove) linhas; a terceira, 08 (oito) linhas; a quarta volta a ter 09 (nove), como se o texto fosse alinhado à esquerda da página.

Cada um desses aspectos mereceria ser investigado de modo individual. Entretanto, para além deles, outro aspecto me chamou a atenção ao comparar o texto em Libras (para tal propósito considerado texto-fonte) e a sua tradução para o Português Brasileiro (para propósito considerado texto alvo). Trata-se da maneira como o artigo em Libras constrói a *coesão textual*¹. Este

¹ O conceito de ‘coesão textual’ está explicado no Capítulo 2 – Quadro Teórico. Por enquanto, é suficiente dizer que ‘coesão textual é um

aspecto é interessante, pois, segundo Baker (1992, p. 190), “... cada língua tem seus próprios mecanismos para o estabelecimento das ligações de coesão”. Este fato concentrou minha atenção analítica nos elos coesivos destes textos em relação tradutória.

1.3 Relevância do Projeto e Objetivos

A seleção do foco ocorreu em virtude dos potenciais problemas decorrentes das diferenças entre os dois sistemas linguísticos em contato, Libras e Português Brasileiro. Trata-se da relação tradutória entre textos escritos em dois tipos de modalidades/línguas diferentes, uma língua viso-espacial (Libras - Escrita de Sinais) e uma língua áudio-oral (Português Brasileiro).

Uma das consequências desta diferença é a forma de processamento da leitura desses textos (a leitura de um texto em Escrita de Sinais-Libras é, na maioria das vezes, feita verticalmente). Outra consequência é a maneira de representação possibilitada por essas línguas, em Línguas de Sinais. O parâmetro “espaço” e o parâmetro ‘movimento’ também podem constituir recursos que constroem significados coesivos, que garantem a tessitura.

O mecanismo de coesão selecionado para esta pesquisa é a “conjunção” (BAKER, 2011). Um dos objetivos da pesquisa, além do objetivo geral de produzir uma Tradução Comentada do material em Libras para o Português Brasileiro, é verificar se o modelo de conjunção proposto por Baker (ibid.) é capaz de resolver todas as ocorrências na tradução em Escrita de Sinais.

Neste contexto, as Perguntas de Pesquisa (PP) que informam esta dissertação são:

conceito semântico, que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como um texto, quando algum elemento do discurso é dependente de outro’ (HALLIDAY e HASSAN, 1976). Ou ainda, que coesão textual ‘é uma rede de relações lexicais, gramaticais e outras relações que fornecem elos entre as várias partes do texto. Coesão é uma relação de superfície que une uma palavra real às expressões que podemos ver ou ouvir’ (BAKER, 2011).

PP1 - Os elos coesivos “então”, “mas” e “por isso” do texto em Libras tem a mesma função do texto em português?

PP2 - Como os elos coesivos se comportam na relação tradutória?

PP3 - Como aplicar o modelo de conjunção (BAKER 2011) na tradução de Libras para o Português escrito?

Esta pesquisa busca contribuir para o estabelecimento de uma nova interface do campo disciplinar dos Estudos da Tradução e a Escrita de Sinais Brasileira, colaborando para a consolidação da pesquisa sobre Escrita de Sinais.

1.4 Estrutura da Dissertação

A dissertação está dividida em cinco capítulos:

Capítulo 1 – Introdução: apresenta o contexto de situação do artigo, a relevância da pesquisa para o campo disciplinar dos Estudos da Tradução, Linguística Sistêmico-Funcional e Escrita de Sinais, além de incluir os objetivos específicos e gerais; o objeto da pesquisa e em linhas gerais, o arcabouço teórico que informa o estudo.

Capítulo 2 – Quadro Teórico: são apresentados os 03 (três) eixos que informaram a pesquisa, sendo: (i) a revisão dos trabalhos em Escrita de Sinais; (ii) o conceito de ‘coesão textual’ e (iii) a definição de alguns conceitos e termos utilizados neste trabalho, que possuem caráter relevante para a compreensão da pesquisa.

Capítulo 3 – Metodologia: subdividido em três partes, que apresenta: (i) Tabela de Tradução de Glosa; (ii) Procedimentos adotados para a condução da Entrevista; (iii) Categorias adotadas: análise dos Elos Coesivos segundo Baker (2011), com a proposta de categorias analíticas.

Capítulo 4 - Comentários sobre o processo tradutório: uma análise retrospectiva: corresponde às análises do comportamento dos elos coesivos e algumas recorrências classificadas em questões, notadas pelas análises.

Capítulo 5 - Considerações Finais: neste capítulo estão apresentados os resultados, bem como as limitações da pesquisa (questões adicionais que surgiram no desenvolvimento do estudo e que não foram aqui respondidas) e sugestões para pesquisas futuras, a partir das questões suscitadas pela própria pesquisa.

2. QUADRO TEÓRICO

2.1 Revisão dos Trabalhos em Escrita de Sinais

Cumpra esclarecer que a revisão da literatura pertinente ao tópico desta dissertação é de caráter reduzido. Isto se deve ao fato da escassez de trabalhos acadêmicos versando sobre a problemática de tradução de textos em Escrita de Sinais Brasileira para o Português Brasileiro.

Em pesquisa sobre o assunto, pode se perceber que a produção de material em Escrita de Sinais está focada em adaptações e traduções curtas de histórias bíblicas, infantis e infanto-juvenis². Por este fato, esta pesquisa encontra-se desamparada em relação a um corpus tradutório de referência nos quesitos formatação, linguagem acadêmica, entre outros.

Sobre a Escrita de Sinais, encontramos artigos nas áreas de educação e linguística, bem como em enciclopédia, mas raramente esses trabalhos referem-se aos elos coesivos. Neste capítulo serão apresentados cinco estudos sobre a Escrita de Sinais, que compõem um repertório de pesquisas na área, mas que não atenderam o intento dessa pesquisa, tornando-se apenas artigos ilustrativos.

O primeiro estudo é a tese de doutorado da Prof. Dra. Marianne Rossi Stumpf intitulada como “Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema SignWriting®: Línguas de Sinais no Papel e no Computador” no curso de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, no ano de 2005. Na sequência, a tese de doutorado da Dra. Mariângela Estelita Barros intitulada como “ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e

² Uma vez que o foco desta dissertação é trabalho acadêmico sobre/em escrita de sinais, não se julga pertinente apresentar aqui uma revisão de material em Escrita de Sinais focada em adaptações e traduções curtas de histórias bíblicas, infantis e infanto-juvenis. Como exemplo, cita-se a obra *Davi*, de autoria de Sérgio Ribeiro, da série Literatura Surda, de 2006. Trata-se de uma adaptação de história bíblica, para público infanto-juvenil.

verificação prática” no curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, no ano de 2008. O terceiro trabalho a ser exposto é de Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael, em “Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira. O mundo do Surdo em Libras”, volume 8 – Palavras de Função Gramatical, publicada no ano de 2005. E, por fim, a dissertação intitulada “Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudo de caso com alunos surdos da Educação Básica e de universitários surdos e ouvintes” de Débora Campos Wanderley no curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, no ano de 2012. O quinto trabalho é um artigo de Lessa (2012), que trata da complexidade de tradução para escrita de sinais de textos de Libras, em função do aspecto tridimensional dessa modalidade espaço-visual.

2.1.1 “Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema SignWriting®: Línguas de Sinais no Papel e no Computador”, de Stumpf (2005)

A tese de Stumpf (2005) aborda um repertório teórico que se inicia na história da própria autora atravessando tópicos em aquisição da linguagem, da escrita, aparatos de sistema de notações/escritas de sinais, até chegar aos resultados de sua pesquisa. Vale salientar alguns pontos dos seus estudos teóricos referentes aos sistemas de notações/escrita de língua de sinais são eles:

Notação de Stokoe – é assim nomeada devido ao pesquisador e criador desse sistema. Stokoe trabalhou nos Estados Unidos, na Universidade de Gallaudet entre 1955 a 1970. Ele foi responsável pela consolidação da *American Sign Language* (ASL) através de seus estudos que indicam que a ASL é uma língua natural, com uma sintaxe e uma gramática autônoma, tanto quanto as línguas orais, aumentando assim o prestígio da ASL dentro da academia.

O sistema de Notação de Stokoe possui cinco elementos básicos. Primeiro: o lugar, na qual encontramos doze posições; Segundo: as dez posições de mão; Terceiro: o movimento indicando ação com vinte e dois símbolos; Quarto: a orientação com quatro indicações; Quinto: os sinais diacríticos com duas

possibilidades (STUMPF, 2005). Esse sistema não foi criado para o uso comum dos surdos, mas sim para atender à necessidade do próprio pesquisador no seu trabalho das línguas de sinais.

François-Xavier Nève, médico e professor de linguística da Universidade de Liège, na Bélgica é o responsável pelos estudos que geraram a **Notação de François Nève**. Esta notação é feita em colunas verticais de cima para baixo. Quando apresentada em duas colunas, é porque estão sendo utilizadas as duas mãos. E quando possui uma coluna, é porque somente a mão dominante sinaliza. São utilizados códigos que tornam possível um tratamento digital dos signos.

Hannosys foi criado na Universidade de Hamburgo por Prillwitz, Vollhaber e seus colaboradores, sendo um grupo composto por surdos e ouvintes. Este sistema foi projetado para ser aplicável a qualquer língua de sinais do mundo, com símbolos icônicos e facilmente reconhecíveis. As transcrições do sistema de Hannosys são precisas, porém são longas e complicadas de decifrar, e é possível anotar expressões faciais. São compostas por aproximadamente duzentos (200) símbolos que abrangem os parâmetros de configuração de mão, localização e movimento. Este sistema está em constante desenvolvimento e foi disponibilizado ao público em 1989 (BENTELE, 1999; STUMPF, 2005).

O **Sistema D'Sign de Paul Jouison** visa ser uma escrita complexa, e não notações isoladas. Com esse sistema, pode-se transcrever frases inteiras de discursos sinalizados, com o objetivo de descobrir as unidades constitutivas da Língua de Sinais Francesa (STUMPF, 2005). O pesquisador Paul Jouison faleceu antes de explicar seu método. Entretanto, devido aos esforços da Dra. Brigitte Garcia, suas notas foram recuperadas e seu trabalho foi apresentado na tese de Garcia pela Université de Paris V – René Descartes no ano 2000. De acordo com Stumpf (2005), suas unidades-símbolos se organizam em famílias, sendo elas: a escolha dos dedos, a escolha dos braços, as imagens, os eixos de rotação, os deslocamentos e as zonas do corpo e do espaço.

Sistema SignWriting® foi inventado por Valerie Sutton em 1974. Sutton é diretora do Deaf Action Committee (DAC), localizado na Califórnia, nos Estados Unidos (EUA). Este sistema é oriundo do DanceWriting, também criado por Sutton, que na “década de 70 caracterizou um período de transição de

DanceWriting para SignWriting®, isto é, da escrita de danças para a escrita de sinais” (QUADROS³). O SignWriting® pode registrar qualquer língua de sinais diretamente sem transitar pela tradução da língua falada. “Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia” (STUMPF, 2005, p. 52).

O sistema pode representar língua de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações (STUMPF, 2005, p. 51).

Este sistema que antes era à mão livre, passou também a ser escrito digitalmente, através do computador o SignWriting®. Tornou-se popular nos Estados Unidos e evolui continuamente ao longo dos anos. Esta evolução é devido ao envolvimento de inúmeros pesquisadores neste processo (QUADROS⁴). “O sistema, como acontece com aqueles adotados pelas línguas orais sofre ao longo de sua existência, evoluções na forma e/ou adaptação dos elementos estruturais de escrita” é o que afirma Stumpf (2005, p. 52) em seus estudos.

Ocorreram algumas mudanças na forma da escrita/leitura dos textos em Escrita de Sinais que não afetaram profundamente o sistema. Alguns escritores preferem escrever no sentido horizontal, da esquerda para a direita, e outros no sentido vertical, de cima para baixo.

A evolução do SignWriting® apresenta características da evolução da escrita de certa maneira. Atualmente, estamos

³ Um Capítulo da História do SignWriting. Artigo extraído do site: <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html> em SignWriting History – Capítulo 9. Califórnia: SignWriting®, acesso em 25 de Janeiro de 2012.

⁴ Um Capítulo da História do SignWriting. Artigo extraído do site: <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html> em SignWriting History – Capítulo 9. Califórnia: SignWriting®, acesso em 25 de Janeiro de 2012.

discutindo a produção escrita padronizada. “Padronizada” no sentido de escrever o mesmo sinal usando os mesmos “grafemas” (QUADROS⁵).

Esse sistema abarca diversos parâmetros que os outros sistemas apresentados não oferecem. Como por exemplo, as informações referentes às configurações de mão, movimento, expressão facial e corpo. O objetivo da pesquisa de Stumpf é saber como as crianças e jovens surdos se apropriam da escrita da língua de sinais, se as mesmas sentem prazer em aprendê-la, como é o processo de apropriação pelas crianças surdas e como ocorre a aquisição para o letramento pelo uso do sistema SignWriting®. Além disso, busca saber também se o acesso ao computador por meios de programas com Escrita de Sinais pelo sistema SignWriting® pode dar suporte à aquisição da escrita de língua de sinais. E por fim, este sistema faz uso do SignWriting® para a transcrição de corpus de vídeo editados em língua de sinais, utilizando editores de texto.

Os resultados da pesquisa de Stumpf revelam que “a escrita precisa ser uma atividade significativa para a criança” (2005, p. 265) e que em ambientes educacionais, onde todos se comunicam em língua de sinais, os alunos tentarão escrever em sinais quando estimulados.

Por ser uma pesquisa exploratória, não traz conclusões, no entanto, oferece uma abertura para novas pesquisas sobre a apropriação, compreensão e sobre o processo de aquisição da escrita de língua de sinais. Mesmo assim, esta pesquisa indica que, se a escrita de língua de sinais se difundir, ela poderá ser utilizada na educação das crianças surdas. Resultando em uma real educação bilíngue através de novas metodologias e abordagens ao ensino da língua oral como segunda língua.

2.1.2 “ELiS – Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática” de Barros (2008)

⁵ Um Capítulo da História do SignWriting. Artigo extraído do site: <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html> em SignWriting History – Capítulo 9. Califórnia: SignWriting®, acesso em 25 de Janeiro de 2012.

Apresenta-se neste item a tese de Barros (2008) sobre ELiS – Escrita das Línguas de Sinais, a qual apresenta um novo sistema de escrita de língua de sinais, criado pela própria autora. O trabalho apresenta dois aspectos, as discussões teóricas e a experimentação prática.

O objetivo do estudo é “ajustar a ELiS para que se torne um sistema de escrita viável para a língua de sinais coerente com seus preceitos linguísticos, mediante a experimentação por colaboradores surdos” (BARROS, 2008, p. 9). A experimentação objetiva ajustar a ELiS, da seguinte maneira: viseticamente⁶, morfológicamente e sintaticamente; estabelecer convenções de pontuação; “despertar os alunos surdos para a possibilidade de se escrever em língua de sinais e para os possíveis benefícios de se ter uma escrita de língua de sinais autorizada pela comunidade surda” (BARROS, 2008, p. 10). Ressalta-se que este sistema possibilita a escrita de qualquer língua de sinais.

As conclusões da pesquisa realizada por Barros (2008) foram divididas em duas partes, como já citado anteriormente. Uma parte é a finalizações no ponto de vista teórico e a outro no ponto de vista prático. Sobre as discussões teóricas, a autora alega que o “desenvolvimento científico exige uma nomenclatura própria, daí a urgência de uma nomenclatura específica para o estudo das línguas de sinais” (BARROS, 2008, p. 141). Alguns termos do campo da língua de sinais foram criados para estabelecerem relação com o campo das línguas orais:

Campo das LS	Campo das LO
Visema	Fonema
Viso	Fone
Visiologia	Fonologia
Visética	Fonética
Visêmico	Fonêmico
Visético	Fonético
Aloviso	Alofone
Visografema	Alfabeto

Tabela 1: Comparativo da Língua de Sinais com a Língua Oral com base em Barros (2008).

⁶ Barros criou alguns termos de equivalências às línguas orais, viseticamente origina-se do termo visético que nas línguas orais corresponde ao termo fonético.

Podem-se definir, basicamente, sinais monomanuais e bimanuais, como sendo os sinais realizados com uma mão e os sinais realizados com duas mãos, respectivamente. Na pesquisa de Barros (2008) foi revelado o surgimento de subgrupos dentro desses sinais, os quais foram denominados sinais bimanuais assimétricos de apoio ou sinais monomanuais com apoio⁷.

Outro ponto essencial é o aspecto da simultaneidade na língua de sinais: “aparentemente, na realização de um sinal, os elementos de segunda articulação da linguagem parecem ocorrer simultaneamente” (BARROS, 2008, p. 142). O último ponto das conclusões teóricas é sobre a configuração de dedos, que diferente dos outros sistemas de escritas, por apresentar configurações de mãos em que a seleção de dedos é divisível. Isto permite a construção dos sinais com o uso de poucos símbolos, deixando o sistema de escrita mais econômico e flexível. Para isso, foram criados símbolos que representam dez posições diferentes de dedos, onde o dedo polegar é diferenciado dos demais dedos.

Assim, na ELiS não existem Configurações de Mão prontas. Existem as peças – visografemas de Configuração de Dedo – que representam Posição de Dedo, mas quando combinadas adequadamente, passam a representar simultaneamente a Seleção de Dedos. A Orientação da Palma é representada em outro espaço (BARROS, 2008, p. 143).

A economia de símbolos e a flexibilidade do sistema permitem a redução do uso da memória do usuário e oferece uma facilidade no momento da escrita digital. A respeito das conclusões práticas, a autora examina quatro categorias. São elas:

(i) Produtividade: o sistema de escrita ELiS, assim como as línguas, possui limites e regras, mas a combinação de seus elementos produz infinitos resultados. A produção de textos construídos com esse sistema de escrita foi uma comprovação de sua produtividade. A prática da escrita

⁷ Sinais em que a mão-dominante participa apenas como ponto de articulação.

revelou soluções para situações que ainda faltavam respostas demonstrando novamente a produtividade interna deste sistema.

(ii) Legibilidade: de acordo com Barros (2008) um sistema de escrita só é válido se alguém puder ler o que o outro escreveu. Para demonstrar a legibilidade desse sistema de escrita, foi percebido, no decorrer do curso, que os alunos além de ler o que os outros alunos escreveram, também corrigiam os erros revelando a compreensão desse sistema.

(iii) Relevância: o uso desse sistema de escrita pode ser representado em materiais didáticos para crianças, tradução de histórias infantis, transcrição de materiais de vídeo/Libras, produção de novos materiais que atravessam os meios literários, de informação e científicos, resultando em uma aplicação rica na comunidade surda.

(iv) Eficácia: Como conclusão da autora e pesquisadora Mariângela Estelita Barros (2008), com o resultado dos três pontos citados, é possível afirmar que o sistema de escrita ELiS é viável para as línguas de sinais.

2.1.3 Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudo de caso com alunos surdos da Educação Básica e de universitários surdos e ouvintes de Wanderley (2012)

A pesquisadora Débora Campos Wanderley explora a questão do letramento visual⁸, focando na leitura da imagem-visual, em sua dissertação. Seu trabalho foi um estudo de caso sobre os alunos da Escola de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser, Santa Maria no Rio Grande do Sul (única escola mais próxima de Santa Catarina que oferta escrita de sinais para crianças surdas). Além desse conjunto de sujeitos, a pesquisadora incluiu também universitários de licenciatura e bacharelado do curso de Letras Libras (UFSC), usuários da Libras e da Língua Portuguesa em processo de aprendizado da escrita de sinais.

⁸ Letramento visual é compreendido por Oliveira (2006), como a área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode interpretar o que é visto. Buscando entender os processos físicos submersos na percepção visual.

O objetivo da pesquisa foi identificar os elementos que constituem a compreensão e produção dos textos em escrita de sinais. Para tanto, fez uso de materiais lúdicos que pudessem servir no ensino da escrita de sinais, que em seu percurso voltou-se também para o processo de aprendizagem, incluindo as produções escritas e as relações afetivas.

Os resultados apontaram para aspectos linguísticos em nível fonológico (unidades individuais que compõem cada pilha⁹), morfológico (combinação das unidades) e sintático (uso do espaço para produção de textos coesos). Foram identificados importantes elementos, como organização de textos, facilitadores de comunicação dos leitores, respostas relevantes e a produção criativa de cada sujeito.

Embora a autora fale em “textos coesos”, sua pesquisa não oferece contribuição pontual sobre elos coesivos em escrita de sinais, contrariando minha expectativa inicial.

Na verdade, a pesquisa contribui para o novo campo de estudo da pedagogia bilíngue para surdos apenas no sentido de que apontou o problema, já que propostas como estas são praticamente inexistentes em trabalho de ensino de escrita de sinais de forma lúdica.

2.1.4 “Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira. O mundo do Surdo em Libras”, de Raphael e Capovilla¹⁰ (2005)

⁹ Diversos elementos (pontos de contato, configurações de mãos, expressões faciais, movimento de ombro, setas de movimento) que compõem um sinal escrito.

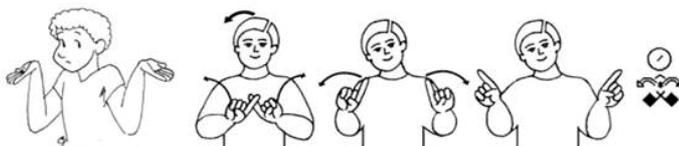
¹⁰ Fernando César Capovilla é Mestre em Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento pela UnB, Ph.D. em Psicologia Experimental pela Temple University of Philadelphia e Livre Docente em Neuropsicologia pelo Depto. Psicologia Clínica da USP. Professor Titular do IP-USP, consultor científico do CNPq, Fapesp, Capes, Faperj. Coordenador do Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental. Autor laureado pela Câmara Brasileira do Livro na categoria Psicologia e Educação. Walkiria Duarte Raphael é Mestre em Psicologia Experimental pelo IP-USP e Supervisora de Equipe de laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental do mesmo Instituto. Autora laureada pela Câmara Brasileira do Livro na categoria Psicologia e Educação.

A obra assinada por Raphael e Capovilla (*Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira – Volume 8*) é descrita no site <http://www.edusp.com.br/detlivro.asp?ID=3140902> nos seguintes termos:

O oitavo volume da *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira* concentra 648 sinais referentes a palavras de função gramatical como: pronomes e locuções pronominais, advérbios e locuções adverbiais, preposições e locuções prepositivas, além de conjunções. Engloba também os sinais relativos à acentuação gráfica, à pontuação, à classificação gramatical, ao alfabeto, aos números e às siglas. Além disso, traz dois capítulos que dizem respeito a sinais relacionados às gírias e expressões. No último capítulo deste volume, dedicado à avaliação da linguagem em estudantes surdos do ensino fundamental ao médio, é apresentado um teste de nomeação de figuras por escolha de palavras escritas, acompanhado de dados de validade e tabelas de dados normativos. O conteúdo do livro é organizado de forma didática, facilitando a procura dos verbetes e a compreensão do tema.

O ponto de maior interesse para a presente pesquisa foi a presença de visualizações representando os sinais para as conjunções. A Figura 4 ilustra a transcrição desses sinais.

4. CONJUNÇÕES



mas (1) (inglês: *but, however, still, yet, even*); conj. adversativa. Porém. Contudo. Todavia. Entretanto. No entanto. Expressa fundamentalmente oposição, ressalva ou restrição. Ex.: Você pode entrar, mas terá que pagar uma taxa. Mãos em **1**, palmas para frente, indicadores cruzados. Mover as mãos para os lados opostos, inclinando a cabeça para o lado.



mas (2) (inglês: *but, however, still, yet, even*); Idem **mas (1)**. Ex.: Iremos à festa juntos, mas não ficarei por muito tempo. Mão direita vertical aberta, palma para frente. Movê-la ligeiramente para frente, inclinando a cabeça para o lado.

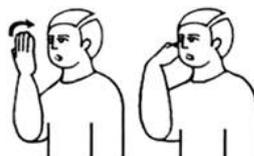


ou (inglês: *or, either*); conj. alternativa. Une palavras ou orações que exprimem idéias alternadas, introduzindo uma outra opção além da primeira sugerida. Ex.: Você pode escolher entre a prova escrita ou a prova oral. Ex.: Escolha: ou isso ou aquilo. Solettrar **O, U**.



porque (inglês: *because, since, considering that, as, in as much as*); conj. explicativa. Em razão de. Uma vez que. Já que. Pelo motivo de. Visto que. Devido a. A fim de que. Para que. Usado para explicar a razão ou o motivo de algo. Ex.: Não vou à festa porque tenho aula até tarde. Mãos em **D** horizontal, palma a palma, inclinadas para dentro, mão direita acima da esquerda. Bater o lado do indicador direito no lado do indicador esquerdo, duas vezes.

Material com direitos autorais



quando (no passado) (inglês: *when, at the time that, while, at the moment when (for past events)*); conj. coordenativa, de tempo. Na ocasião em que. No momento em que. Na época em que. Ex.: Quando trabalhava naquela escola, costumava ensinar Língua de Sinais às crianças Surdas. Ex.: Quando publicamos este dicionário, ainda não havia qualquer dicionário da Libras em todo o mundo. Ex.: Quando eu era criança, costumava ir à missa com minha mãe todo domingo de manhãzinha.
Mão vertical aberta, palma para trás, acima do ombro direito. Dobrar a mão pelo pulso para baixo.



se (inglês: *if, whether, in case that, supposing that, provided that*); conj. condicional. Na oração, exprime uma hipótese ou condição necessária para que se realize ou não o que se expressa. Ex.: Se ela passar por aqui, diga-lhe que voltarei logo.
Mão direita em S horizontal, palma para baixo, distender o dedo mínimo.

Figura 4: Páginas 60 e 61, do oitavo volume da Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira, que se referem sobre conjunção.

Observa-se que os autores oferecem boa contribuição, sobretudo por ser trilingue (Libras, incluindo escrita de sinais, inglês, português), além de uma representação gráfica dos sinais de conjunção. Embora esta contribuição seja significativa, sofre de limitações em termos de: (i) os autores não definem a noção de “conjunção” na Libras (sua função, suas manifestações e o comportamento de seus parâmetros); (ii) inclui apenas algumas conjunções (seis), desconsiderando todas as outras que existem em Libras. Nesse sentido, a contribuição deixa a desejar e justifica a presente pesquisa, a qual busca identificar, em um texto autêntico, manifestações de coesão em escrita de sinais.

Esse tipo de situação demonstra novamente a escassez de trabalhos acadêmicos produzidos em/sobre escrita de sinais e seus aspectos linguísticos. Tal lacuna é exatamente o que a presente dissertação busca remediar, expandindo o quadro oferecido por Capovilla e Raphael (2005).

2.1.5 “Libras Escrita: Desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear”, Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira (2012)

Neste artigo recente, Lessa de Oliveira discute a complexidade de representar uma língua tridimensional através de um sistema de escrita linear. A natureza tridimensional de Libras é investigada com o intuito de oferecer uma contribuição que auxilie na tarefa de tradução para a língua de sinais. Conforme explica a autora, a modalidade escrita das línguas de sinais está ainda em construção, uma vez que línguas de sinais em todo o mundo existem de forma ágrafa. Por isto, é necessário um amplo estudo da estrutura da gramática das línguas de sinais na modalidade falada para que seja possível procurar alternativas para a modalidade escrita dessas línguas. O argumento da autora é que o aspecto tridimensional encontrado na modalidade falada não pode ser representado em um meio que não apresenta tais dimensões.

A autora conclui dizendo que o aspecto tridimensional da estrutura frasal é próprio da modalidade falada de línguas de sinais. E em adicional, que a representação escrita da estrutura frasal dessas línguas por um sistema de escrita linear, como a escrita, deve valer-se de um tipo de representação alternativa, próprio da modalidade escrita. Nesse sentido, a autora afirma que o processo de tradução de uma língua oral para a modalidade escrita de línguas de sinais, requer a existência de uma modalidade escrita desta língua que apresente estruturas alternativas bem elaboradas, baseadas na intuição natural dos sinalizantes surdos, a fim de assegurar fidelidade ao texto traduzido.

No caso específico de seu trabalho, a autora apresenta o Sistema de Escrita de Libras (SEL), elaborado na representação das unidades MLMov (mão + locação + movimento), marcando cada traço de sua configuração tridimensional, conforme a figura 5.

Ressalta-se que o artigo objeto de estudo desta dissertação (texto-fonte) tem as características mencionadas por Lessa (2012), ou seja, o fato de que a escrita de sinal conseguiu representar o aspecto tridimensional da estrutura frasal é próprio da modalidade falada de línguas de sinais.



Figura 5: Refere-se a escrita de sinais em SignWriting®, com referentes tridimensionais (mão + locação + movimento).

Neste trabalho alguns parâmetros das línguas de sinais (como movimento + espaço + direção do olhar) poderiam ser considerados elos coesivos. Entretanto, este tipo de investigação (aspecto tridimensional) está fora do escopo da presente pesquisa e fica aqui indicada como trabalho a ser desenvolvido posteriormente.

2.2 Modelo de Análise dos Elos Coesivos

Neste item serão abordados alguns conceitos pesquisados a respeito da coesão. Para Halliday e Hassan (1976) seria um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como um texto, quando algum elemento do discurso é dependente de outro. Esses eventos são denominados de ‘elo coesivo’ ou ‘laço’.

Segundo Koch (2009) “o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram “ou tornam recuperável” uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” (p.18).

A noção de registro é um complemento para a noção de coesão. Halliday e Hassan (1976) compreendem registro como:

Uma série de configurações semânticas que estão associadas a classes específicas de contextos de situação e que definem a substância do texto: o que ele significa no sentido mais amplo, incluindo todos os componentes de seu significado social,

expressivo, comunicativo, representacional etc. (1976, p.26).

Para Baker (2011), “coesão é uma rede de relações lexicais, gramaticais e outras relações que fornecem elos entre as várias partes do texto. Coesão é uma relação de superfície que une uma palavra real e as expressões que podemos ver ou ouvir” (2011, p. 190 – minha tradução). O arquétipo da autora é baseado no modelo de coesão proposto por Halliday e Hassan (1976), apresentado especificamente para a Língua Inglesa. Ambos os modelos possuem os mesmos mecanismos de coesão.

O conceito de coesão traz algumas preocupações para a área dos estudos da tradução, como por exemplo:

- (i) A diferença das normas estabelecidas para o uso dos mecanismos de coesão em diferentes línguas, pois “cada língua tem seus próprios mecanismos para o estabelecimento das ligações de coesão” (BAKER, 1992, p. 190);
- (ii) “A manipulação inadequada de sequenciamento e coesão pode prejudicar a qualidade do texto, que se traduziu ou não” (VASCONCELLOS, 1997, p.63 – minha tradução).

A pesquisadora Quadros (2011)¹¹ descreve mais informações sobre o campo da Libras:

[...] a coesão sequencial se faz por meio de procedimentos de recorrência ou progressão. Os sinais repetidos de forma sistematizada determinam a coesão. A apontação¹² reitera a referência que é, normalmente, estabelecida previamente no espaço. A progressão é organizada por meio do uso da estrutura de tópico e comentário, bem como, pelo uso da direção do olhar e da apontação que podem reiterar o tópico de forma menos explícita e desencadear os comentários.

¹¹ Coesão na Libras. Texto extraído de e-mail, enviado em: 16 de Novembro de 2011 às 20:17.

¹² A ‘apontação’ citada pela autora é titulada dentro da pesquisa por dêitico e tem sua definição de termo no subcapítulo a seguir.

Assim, o equilíbrio entre a informação dada e a nova informação é estabelecido. A marcação não-manual com sobrelhas elevadas indica a marcação de tópico de forma sistemática, embora a Libras utilize também a estrutura básica SVO. Há também as sentenças com foco marcado que estão associadas às informações novas que são apresentadas em determinados contextos discursivos para marcar ênfase ou contraste. Tanto as construções como tópico, como com foco determinam a progressão textual na Libras.

De acordo com os autores estudados nesta pesquisa, a coesão textual depende de cinco categorias: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. Dos cinco mecanismos de coesão citados, o foco do presente estudo é o mecanismo de conjunção. Entretanto, é válido ressaltar que o modelo de Baker (2011) foi feito para as línguas orais, e muitas vezes não acolhe os sinais que também teriam funções de elos coesivos dentro da Escrita de Sinais.

Para Baker (2011), “o mecanismo de conjunção envolve o uso de marcadores formais para relacionar sentenças, cláusulas e parágrafos” (2011, p. 200 – minha tradução). Esses marcadores de conjunção se relacionam com uma informação que já foi explicitada anteriormente, e com novos dados que estão interligados com a mesma sentença. No entanto, não instrui o leitor para fornecer informações em falta.

Já “os elementos conjuntivos são coesivos não por si mesmos, mas indiretamente, em virtude das relações específicas que se estabelecem entre as orações, períodos e parágrafos” (FÁVERO, 1997, p.14). O mecanismo de conjunção não é uma relação anafórica “quando o item de referência retoma um signo já expresso no texto” (FÁVERO, 1997, p. 13).

A conjunção utiliza os conectivos que tecem a frase, de maneira que se entenda o que será dito, ou o que antecede uma sentença. Como exemplo de alguns tipos destes conectivos, também chamados de partículas de ligação, tem-se: ‘mas’, ‘então’, ‘depois’, ‘assim’, ‘e’, ‘por isso’, entre outros.

Essas partículas de ligação “permitem estabelecer relações significativas específicas entre elementos ou oração do texto” (KOCH, 2009, p. 21). As principais relações desses conectores são: Aditiva, que liga meramente dois termos ou duas orações de função idêntica; Adversativa, que liga dois termos ou duas orações de função idêntica, estabelecendo, porém, uma ideia de contraste, de oposição; Causal, que inicia uma oração subordinada denotadora de causa; Temporal, que inicia oração subordinada denotadora de circunstância de tempo; e Continuativa, que liga orações, exprimindo só uma continuação do discurso ou transição de ideia (FERREIRA, 1999).

Com os estudos de Baker (2011), explanam-se algumas ideias apontadas pela autora e que constroem partes importantes desta pesquisa, Alcançando assim, um maior entendimento dos mecanismos de conjunção estudados.

As partículas de ligação podem transitar entre as demais relações existentes. No entanto, esta alternância dependerá do seu contexto na oração. Por exemplo, a partícula ‘então’ pode ser continuativa, porém, em outro contexto, poderá sinalizar como uma relação causal, e assim poderá ser também para outras partículas.

O movimento, o olhar, o espaço podem também ser um elo coesivo. Na Escrita de Sinais em Libras, as indicações não são exatamente sinais, no entanto, indicam uma relação de conjunção dentro do texto, como demonstra a Figura 6 (QUADROS, 2011).

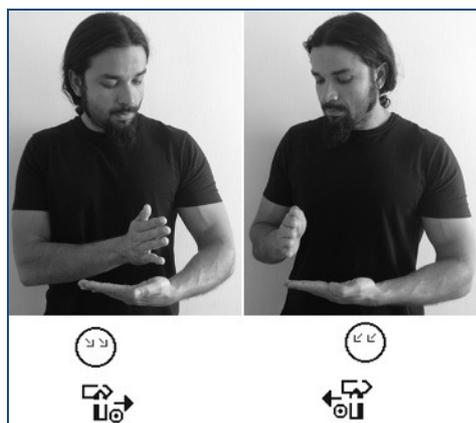


Figura 6: Exemplo de movimento, olhar e espaço – fotografia da posição inicial da escrita de sinais.

Aplicando as concepções de Baker (2010) na Escrita de Sinais em Libras, pode-se observar que em alguns sinais, quando executados, uma parte fica congelada pelo braço não dominante; e são denominados “bóia” ou “pointer buoy”, classificados por Linddell (2003). Alguns exemplos são vistos em relações temporais que não estão restritas à sequência em tempo real. Eles podem refletir desdobramento de estágios no texto, não somente as “relações entre os fenômenos externos, mas também podem ser configurados para refletir relações que são internas ao texto ou comunicativa da situação” (BAKER, 2010, p. 200 – minha tradução).

Um exemplo de relação temporal é quando os sinais numerais estão em ‘bóia’ e sendo apontados pela mão dominante, como pode ser observado na Figura 7.

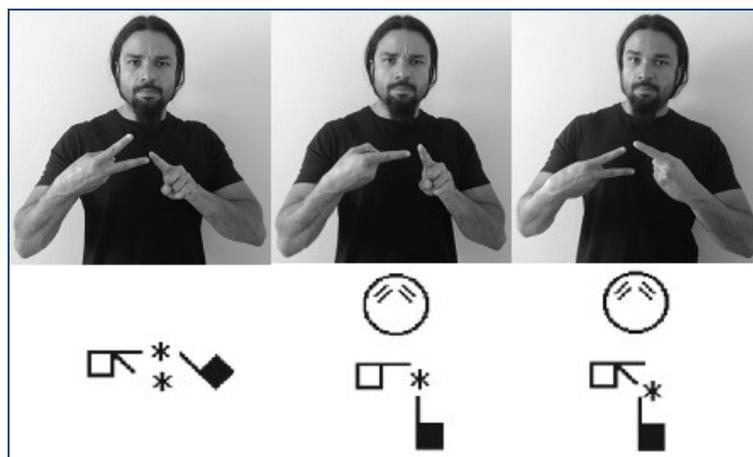


Figura 7: Exemplos de 'bóia' (LIDDELL, 2003) – fotografia da posição inicial da escrita de sinais.

Por fim, vale ressaltar que alguns sinais coesivos em Escrita de Sinais Brasileira são utilizados apenas para indicar que uma frase está conectada à outra, sem menção a função da ligação. Neste caso, um sinal de um elemento coesivo pode ter várias opções de tradução, ou ser omitido sem perder as características do texto-fonte na tradução.

2.3 Conceitos Utilizados

Serão apresentados os conceitos utilizados durante o desenvolvimento da pesquisa. Isto se faz necessário para facilitar a compreensão dos leitores sobre alguns dos passos relevantes deste estudo. Os conceitos se encontram dispostos em ordem alfabética crescente.

2.3.1 Dêitico

Liddell (2003) afirma que a dêixis é característica de línguas naturais. Considerando-se que Libras também é uma língua natural, é de esperar a presença de dêixis nessa modalidade.

Segundo Anater (2009) “os gestos seguem as línguas de modalidade oral e auditiva como aparato paralinguístico, ou seja,

como complemento de caráter não verbal, ainda que possa ser realizado em alternância com as palavras de modo a complementar um pensamento” (2009, p. 29).

Os dêiticos nas modalidades orais e viso-espaciais são distintos. Nas línguas sinalizadas, ocorrem na sobreposição das palavras e alteram sua forma. E nas línguas orais, são marcados entre gestos e componentes linguísticos.

Na língua grega, a palavra “dêixis” significa indicar, apontar, mostrar. Segundo Moreira (2007) “tanto os pronomes pessoais quanto indicadores podem ser localizados ou se moverem no espaço físico, em frente ao redor do corpo sinalizador, e apontar para um local que deseja e esteja associado” (2007, p.35).

Abaixo, exemplo de Dêitico em escrita de sinais:

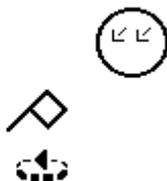


Figura 8: Exemplo de dêitico em escrita de sinais, página 194, linha 4, coluna 2 do corpus dessa pesquisa.

Na metodologia da pesquisa, o dêitico é representado como (IX) na tabela de convenção, representando na escrita de sinais apontamentos no espaço, indicando lugar.

2.3.2 Omissão

Nesta pesquisa é utilizado o termo omissão de Barbosa (1990), que trabalha com o par linguístico português/inglês e inglês/português e seu conceito é expandido para o par linguístico Libras/português.

A omissão consiste em omitir elementos do texto-fonte que, do ponto de vista do texto alvo, são desnecessários ou excessivamente repetitivos. Este procedimento é observado, por exemplo, em relação às questões de redundância, quando a função das partículas é mantida e não é necessário utilizar outra palavra no

corpo do texto, o que geraria uma repetição excessiva (BARBOSA, 1990).

2.3.3 Tradução de Glosa

Na primeira etapa do trabalho foi realizada uma tradução de glosa. Esta tradução oportuniza ao leitor uma compreensão profunda dos elementos da língua de origem. Esse termo foi utilizado por Nida (1964) para determinado tipo de tradução, na qual a forma e o conteúdo da língua-fonte são recriados na língua-alvo, de modo que sejam compreensíveis para o leitor da língua-alvo. Nida (1964) aponta que a produção desta tradução é palavra por palavra. Uma vez que a tradução de glosa fica próximo da estrutura do texto-fonte, Nida (1964) afirma que para ser capaz de entender essas traduções, são necessárias anotações instrucionais.

Dessa forma, para a presente pesquisa, foi adotada como anotação instrucional uma tabela de convenções. Esta tabela consiste em códigos utilizados em determinados sinais para apresentar alguma característica específica como, por exemplo, palavras soletradas, dêiticos e classificadores. A tabela de convenção está apresentada no Capítulo 3 – Metodologia.

A tradução de glosa foi elaborada de maneira tabular e dividida em células, compostas por uma palavra que se refere à tradução do sinal em escrita de sinais. E caso necessário, em um código da tabela de convenção.

LIBRAS (.)	LICENCIATURA (FS)	TRADUZIR (.)	BRASIL	LINGÜÍSTICA
PRINCIPAL	FORMAR 2	CURSO	TER	SURDO 2
DECRETO	PROFESSOR	DISTÂNCIA	PROFESSOR	ENSINAR
5626 (.)	LIBRAS	LIVRE	LIBRAS	SURDO
LETRAS LIBRAS	SEGUNDO PONTO	SURDO	REGIÕES 2 (.)	LIBRAS 2 (.)
TER	BACHARELADO (FS)	OUVINTE (.)	ESTUDAR	LETRAS LIBRAS
DOIS PONTOS	FORMAR 2	DIVERSOS	LER	15
PRIMEIRO PONTO	INTERPRETAR	REGIÕES 2	ÁREA	PÓLOS

Figura 9: Exemplo de tabela de tradução de glosa, construída de maneira tabular dividida em células.

Essa tradução serviu como suporte para a tradução do artigo “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa” em Escrita de Sinais para Português Brasileiro.

2.3.4 Tradução Indireta

O artigo “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa” é oriundo da língua inglesa¹³, traduzido para Escrita de Sinais pela Prof^a. Dr^a. Marianne Stumpf. A pesquisa é, portanto, uma tradução indireta comentada para o Português Brasileiro.

A tradução indireta ou retradução segundo o *Dictionary of Translations Studies* “é um termo utilizado para designar o procedimento pelo qual um texto não é traduzido diretamente de um texto-fonte original, mas através de uma tradução intermediária em outra língua” (1997, p. 76 – minha tradução).

¹³ Artigo publicado no livro *International Perspectives on Sign Language Interpreter Education* (The Interpreter Education Series, Vol. 4), organizado por Jemina Napier em 2009.

3. METODOLOGIA

O texto-fonte apresenta uma síntese da evolução da formação dos tradutores e intérpretes da Língua de Sinais Brasileira. Apresenta-se escrito em Inglês, Português Brasileiro e em Escrita de Sinais, sendo que o resumo/*abstract* encontram-se em Português e Inglês, e o corpo do artigo em Escrita de Sinais Brasileira. O texto contém 1.405 palavras em Escrita de Sinais Brasileira; a contagem foi feita através de tabelas derivadas de uma tradução de glosa, que estão dispostas no Anexo I.

Organização do capítulo: este capítulo tem como objetivo descrever o corpus da pesquisa e os procedimentos adotados para o desenvolvimento da análise nos seguintes passos:

- i) Tabela de Tradução de Glosa;
- ii) Procedimentos adotados para a condução da Entrevista;
- iii) Categorias adotadas: análise dos Elos Coesivos segundo Baker (2011).

3.1 Tabelas de Tradução de Glosa e de Convenção

A tabela de tradução de glosa, presente no Anexo I, é o resultado da tradução do texto-fonte palavra por palavra, para compreensão dos elementos da língua de origem. Foi realizada uma tradução de glosa, organizada de forma tabular, construída no *software* Microsoft Word 2010 e armazenada na extensão “*doc*”. Cada célula da tabela refere-se a um sinal da Escrita de Sinais, além de códigos utilizados conforme convenções adotadas por meio das necessidades que surgiram nessa pesquisa. As glosas do texto foram armazenadas em tabelas. A tabela de convenção pode ser verificada na Tabela 2:

Código	Descrição do Código
(FS)	Abreviação proveniente da palavra em inglês <i>fingers pelling</i> são as palavras soletradas. Esta abreviação vem entre parênteses após cada palavra soletrada.
	Abreviação designada para os verbos

(DV)	descritivos. Utilizado para destacar a presença de classificadores, funciona como parte dos verbos em uma sentença, sendo esses chamados verbos de movimento ou localização no discurso (BRITO, 1995). Esta abreviação vem entre parênteses após o sinal referente a um classificador.
(XXX)	Cada palavra não clara no enunciado recebe esta glosa que vem entre parênteses depois da palavra. O transcritor não sabe a forma e não identifica o seu significado (os problemas dos sinais não identificados que receberam esse código foram resolvidos após a entrevista com a autora).
(YYY)	Cada palavra não clara no enunciado recebe esta glosa entre parênteses depois da palavra. O transcritor não conhece o sinal, mas identifica o seu significado (os problemas dos sinais não identificados que receberam esse código foram resolvidos após a entrevista com a autora).
(.)	Utilizado para identificar um ponto final em escrita de sinais e vem acompanhado da palavra que antecede este ponto.
(,)	Utilizado para identificar uma vírgula em escrita de sinais e vem acompanhada da palavra que antecede esta vírgula.
(SIM)	Utilizado quando o sinal escrito vem acompanhado de movimento da cabeça indicando afirmação. É colocado após a glosa.
(NÃO)	Utilizado quando o sinal escrito vem acompanhado de movimento da cabeça indicando negação. É colocado após a glosa.
(IX)	Representa dêitico. Utilizado depois da glosa quando a mesma indica um lugar no espaço. Ou utilizada sozinha quando apontada com o dedo indicador para algum lugar.

Tabela 2: Códigos convencionizados para tradução de glosa desta pesquisa.

As tabelas de tradução de glosa devem ser lidas da mesma forma que o texto original em escrita de sinais, ou seja, na vertical de cima para baixo. Os títulos e subtítulos com a glosa de cor laranja devem ser lidos na forma horizontal, da esquerda para direita. Os elos de coesão que foram investigados na pesquisa são identificados com as seguintes cores: o vermelho identifica a partícula “então”, o verde identifica a partícula “mas” e o azul identifica a partícula “por isso”.

Abaixo na figura 10, segue um exemplo de tabela de tradução de glosa utilizada nesta dissertação:

PÁGINA 167				
FORMAR	PESQUISAR	TRADUZIR	INTERPRETAR	LIBRAS
BRASIL	INTERPRETAR	LIBRAS 2	ENTRAR	2006 (.)
TER	TRADUZIR	DENTRO	ENSINAR	TER
PROGRAMA	BRASIL (.)	ÁREAS	SURDO (.)	3172
CURSO	LEI	ENSINAR	CURSO	CANDIDATO
PROFESSOR	OBRIGAR	FONOAUDIOLOGIA	LETRAS LIBRAS	
ENSINAR	CURRÍCULO	FUTURO	SC (FS)	
LIBRAS	UNIVERSIDADE	PRINCIPAL	COMEÇAR	
EXPLICAR	DISCIPLINA		ANO	
PÁGINA 168				
CONSEGUIR	BILÍNGUE (.)	METADE	COMO	LEI
PASSAR	ANO	450	PROVA	PRINCIPAL
SURDO	2008	PROFESSOR	ESCOLHER	SURDO
447	NOVAMENTE	LIBRAS	TUDO	ENSINAR
53	CURSO	METADE	LIBRAS 2 (.)	LIBRAS
OUVINTE	LETRAS LIBRAS	450	OUTRA	POR ISSO
SABER	900	TRADUZIR	SABER	SURDO
LIBRAS	ALUNO	INTERPRETAR (.)	LIBRAS 2 (.)	CONSEGUIR

Figura 10: Imagem da Tabela de Tradução de Glosa.

3.2 Procedimentos adotados para a condução da Entrevista

Como parte do método, foi realizada uma entrevista com uma das autoras do texto responsável pela escrita de sinais, Prof.^a Dra. Marianne Stumpf. A entrevista foi disposta em duas fases: a primeira fase foi sobre esclarecimentos das glosas seguidas por (XXX) e (YYY), e a segunda foi sobre regionalismos na tradução.

A primeira fase consiste em modificar as glosas seguidas de (XXX) e (YYY), pois as mesmas seriam relevantes para a compreensão do texto, evitando possíveis equívocos. Na primeira tradução de glosa do artigo, foram registradas as seguintes quantidades: 41 (XXX) e 129 (YYY). Alguns sinais necessários

para a compreensão do texto foram esclarecidos durante a entrevista. Citam-se dois sinais, como exemplos, que são fundamentais à pesquisa, os quais só tornaram-se claros perante a entrevista. São eles: o sinal de inclusão, primeiramente encontrado na Página 176, Coluna 01, Linha 08 descrito com a glosa (XXX); o segundo sinal, a conjunção ‘mas’ revelado inicialmente na Página 191, Coluna 05, Linha 04 descrito com a glosa (YYY), que é uma conjunção foco da pesquisa. Após a entrevista todos os sinais foram identificados.

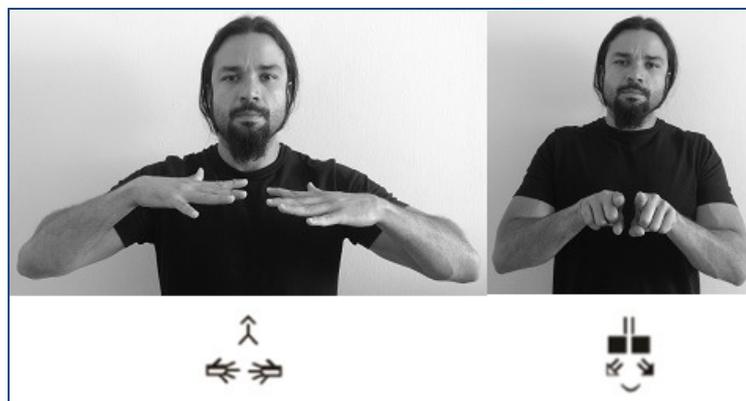


Figura 11: Sinais registrados com (XXX). Após a entrevista, identificados, de cima para baixo, como “INCLUSÃO” e “MAS” - fotografia da posição inicial da escrita de sinais.

Na segunda fase da entrevista, as questões foram relacionadas ao regionalismo e a diferença semântica dos sinais em cada região. O autor desta pesquisa é ouvinte e aprendeu a Libras como segunda língua na região nordeste do Brasil, exclusivamente em Fortaleza/CE. A autora do artigo Prof.^a Dra. Marianne Stumpf é surda e adquiriu como língua materna Libras na região sul do Brasil. O contraste regional entre nordeste e sul algumas vezes manifesta desconformidade. Um exemplo a ser citado é o sinal ‘usar’ e ‘universidade’. Na primeira página do artigo, 167, Coluna 02, Linha 08, encontra-se o primeiro registro do sinal ‘universidade’ utilizado em algumas regiões do sul do Brasil e na página 184, Coluna 04, Linha 02 o sinal ‘usar’ também utilizado no sul do Brasil, enquanto no nordeste este último sinal também

significa ‘universidade’ dependendo do contexto. Este foi o último aspecto para transparência da tradução de glosa.



Figura 12: Sinais registrados com (YYY). Após a entrevista, identificados, de cima para baixo, como “USAR” e “UNIVERSIDADE” em algumas regiões no Sul do Brasil – fotografia da posição inicial da escrita de sinais.

3.3 Categorias adotadas: análise dos Elos Coesivos segundo Baker (2011)

Para o desenvolvimento da análise dos elos coesivos, investiga-se o texto “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa”, artigo em escrita de sinais, produzido por Stumpf e Quadros (2010) de forma manual em razão da inexistência de *softwares* que analisam textos em Escritas de Sinais. Os procedimentos de análise adotados são descritos a seguir.

3.3.1 Levantamento de elos coesivos referente ao mecanismo de conjunção na tradução de glosa

Primeiramente, foi analisada toda a tabela de tradução de glosa, optando pelos mecanismos de coesão que se revelam recorrentemente, são eles:

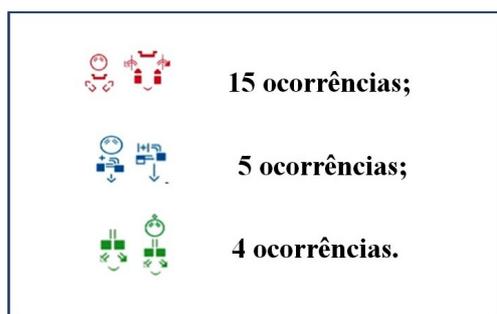


Figura 13: Elos coesivos com a possível tradução, respectivamente em vermelho, azul e verde, de “ENTÃO”, “POR ISSO” e “MAS”.

3.3.2 Análise e classificação dos elos coesivos, conforme Baker (2011)

Em segundo, lugar parte-se para o texto-fonte localizando os elos coesivos , , , classificando-os como aditivo, adversativo, causal, temporal e continuativo. Conforme a tabela do livro *In Other Words* (BAKER, 2011) que se encontra no sexto capítulo *Textual Equivalence: cohesion*, na página 200. Tradução no anexo IV.

TABELA DE CONJUNÇÃO BAKER, 2011.		
a)	Additive	And, or, also, furthermore, besides, similar, likewise, contrast, for instance.
b)	Adversative	But, yet, however, instead, on the other hand, nevertheless, at any rate, as a matter of fact.
c)	Causal	So, consequently, it follows, for, because, under the circumstances, for this reason.
d)	Temporal	Then, next, after, that, on another occasion, in conclusion, an hour later, finally, at last.
e)	Continuatives (miscellaneous)	Now, of course, well, anyway, surely, after all.

TRADUÇÃO	
a) Aditiva	E, ou, também, para, além disso, por outro lado, além de, de igual forma, de igual modo, pelo contrário, por exemplo.
b) Adversativa	Mas, ainda, no entanto, em vez disso, por outro lado, no entanto, de qualquer modo, com uma questão de fato.
c) Causal	Assim, portanto, segue-se, pois, porque, dada as circunstâncias, por esse motivo;
d) Temporal	Em seguida, no próximo, depois disso, em outra ocasião, em conclusão, uma hora depois, finalmente, enfim.
e) Continuativa	Agora, é claro, bem, de qualquer maneira, com certeza, depois de tudo.

Tabela 3: Tabela de conjunção e tradução (BAKER, 2011, p. 200).

3.3.3 Produção de uma Tradução Comentada em Português Brasileiro com atenção analítica aos elos coesivos

A produção da Tradução Comentada foi realizada após a leitura do artigo em Escrita de Sinais, tendo o apoio referencial da tabela de tradução de glosa. O artigo foi redigido no *software* da *Microsoft Office*, especificamente no *Word*.

Concluída a tradução comentada, foi realizada a verificação dos elos coesivos com atenção analítica para as partículas

,  e , as mais recorrentes no texto-fonte. As partículas foram destacadas em **vermelho** para , **azul** para  e **verde** para . O uso de parênteses foi designado para os casos de omissão das partículas na tradução comentada.

...resultando na falta de motivação para os intérpretes e os profissionais que trabalham na educação bilíngue também não contribuem para esse processo. Devido a essa complexibilidade exige-se **então** papéis mais definidos e capacitação profissional, **(por isso)** evitando assim os resultados negativos causados pelo modelo oralista e pelos professores-intérpretes.

A pesquisadora Russo Pereira analisa também as posições de inclusão contra a exclusão, e...

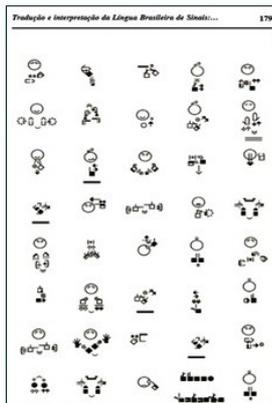


Figura 14: Tradução da página não revisada da página 179 dígito 13.

Como consta na Figura 15, a metodologia utilizada para identificar as páginas da tradução não revisadas foi o sistema numérico bipartido¹⁴. Neste sistema, o primeiro número corresponde à página do periódico “Cadernos de Tradução” e o segundo número à primeira página do artigo “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa”, escrito em sinais.



Figura 15: Ilustração explicativa do método numérico bipartido.

¹⁴ Sistema numérico de dois números, que organiza duas informações.

3.3.4 Levantamento das questões relacionadas aos comportamentos dos elos coesivos

Foi realizada uma análise comparativa entre o texto-fonte e o texto alvo, que identificou os elos coesivos ,  e . Essas análises originaram questões relacionadas ao comportamento dos elos, de acordo com a Figura 16.

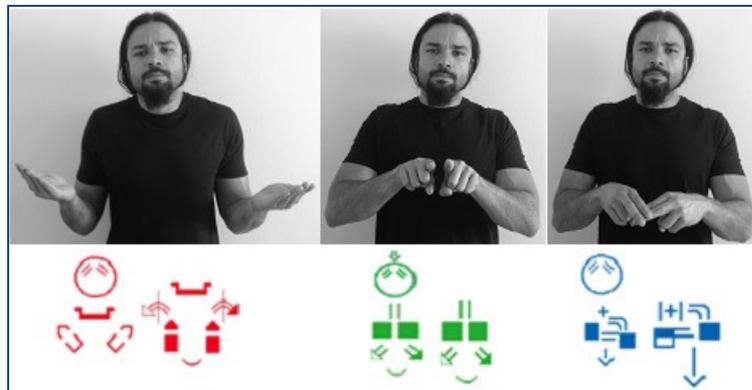


Figura 16: Sinais referentes aos elos coesivos na seguinte ordem: “então”, “mas” e “por isso”.

Questões de Pontuação: Como a estrutura das línguas se organiza por meio da pontuação.

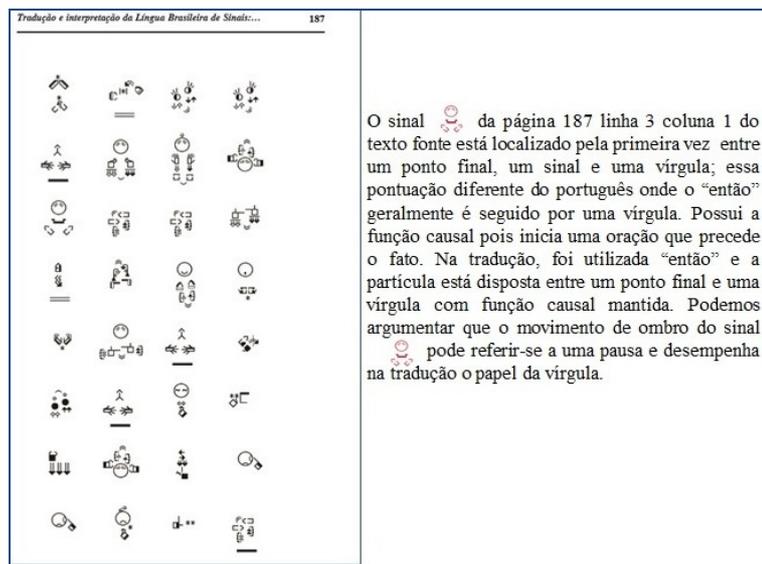


Figura 17: Exemplo da análise sobre questões de pontuação.

Segue a tradução da página 187, dígito 21, para complementar o exemplo da Figura 17:

“...incluso na escola. Então, no Brasil as comunidades educativas que têm surdos, precisam de uma cooperação ativa para a inclusão. Parece que ainda não estão organizados para aceitar o fato de serem responsáveis pela inclusão. Poucos professores têm organizado suas atividades para melhorar a interação com os intérpretes e alunos surdos.”

Questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português: Verificar se as funções das partículas sofrem alterações na tradução.

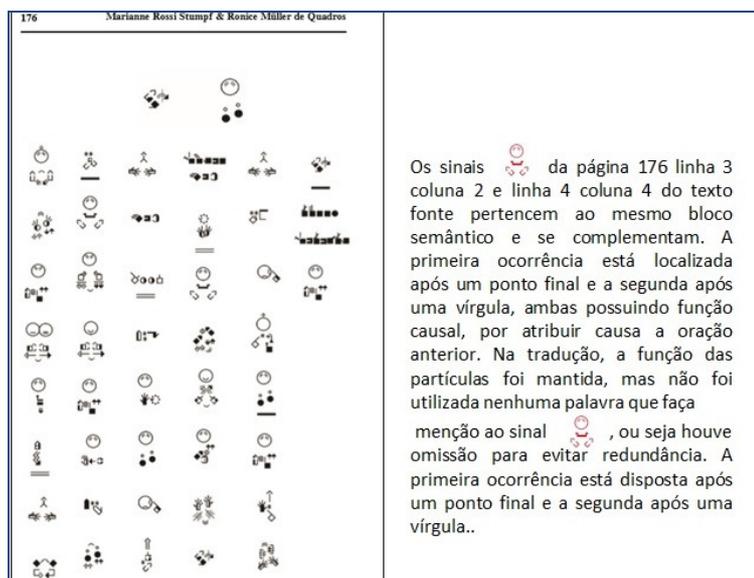
192 Marianne Rossi Stumpf & Ronice Müller de Quadros	
	<p>Na página 192 linha 1 e coluna 3 do texto fonte aparece pela primeira vez o sinal  com a mesma função do sinal  que corresponde ao acréscimo de marcações não manuais e possui função adversativa pois estabelece relação de contraste entre o sentido das duas orações. Na tradução, foi utilizado “mas” e a partícula está localizada após uma vírgula com função adversativa preservada.</p>

Figura 18: Exemplo da análise sobre questões de diferença de interpretação.

Segue a tradução da página 192, dígito 26, para complementar o exemplo da Figura 18:

“...encontrou evidências para a sensação de angústia entre os intérpretes e a comunidade surda. Ter contato com a Língua de Sinais os aproxima da comunidade surda, mas não é suficiente para serem considerados parte da comunidade. Parece ter alguma relação de confiança das pessoas surdas e intérpretes que não os tornam totalmente incluídos nos espaços surdos. Além disso, os intérpretes precisam conhecer mais do que a Libras, tem de saber sua cultura para estar envolvido na comunidade surda.”

Questões de Redundância e Omissão: Analisar os casos onde as partículas são omitidas do texto alvo e suas consequências.



	Então, portanto, também, por esse motivo.
	Mas, no entanto.
	Por isso, além disso, por essa razão.

Tabela 4: Questões relativas à variação na expressão.

194 Marianne Rossi Stumpf & Renice Müller de Quadros

O sinal da página 194 linha 6 coluna 1 do texto fonte está localizado após uma vírgula e possui a função causal pois atribui causa à oração anterior. Na tradução, foi utilizado “por essa razão” e a partícula está localizada após uma vírgula; e sua função continua causal.

Figura 20: Exemplo da análise de variação na expressão.

Segue a tradução da página 194, dígito 28, para complementar o exemplo da Figura 20:

“...são ‘familiares’ no grupo dos surdos, por essa razão eles estão na fronteira da tradução cultural. Os ouvintes não compreendem alguns sentimentos dos surdos. Esses profissionais precisam conquistar um espaço próprio, respeitando a cultura e as diferenças linguísticas entre surdos e ouvintes. A experiência vivida pelos intérpretes de Língua de Sinais nessas fronteiras culturais, é onde ficam as incertezas, dúvidas...”

Questões de Marcação não-manuais: Como os sinais não-manuais afetaram o texto alvo?

Tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais... 177



Na página 177 linha 8 coluna 5 aparece pela primeira vez o sinal  com a mesma função do sinal  que corresponde a ausência de marcações não manuais. A partícula faz elo com o  da página 178 linha 4 coluna 1 dando função de causalidade, por atribuir causa a oração anterior. Na tradução, foi utilizado o elo coesivo “por isso”, localizado após uma vírgula, com função causal mantida. O sinal  com acréscimo da cabeça e elevação de sobrancelha  do texto fonte corresponde a uma marcação não manual com função causal.

Figura 21: Exemplo da análise de marcações não-manuais.

Segue a tradução da página 177, dígito 11, para complementar o exemplo da Figura 21:

“...percebe as relações entre os participantes das atividades educativas nas escolas inclusivas, permitindo entender as dificuldades enfrentadas por esses profissionais, percebendo que a situação dos alunos surdos continua difícil. Então, com base em documentos oficiais podemos notar que não há clareza na função do ‘professor-intérprete’, por isso...”

No presente capítulo, as questões ligadas à tradução de elos coesivos entre os dois textos, foram apresentadas no ambiente textual em que ocorreram.

O capítulo seguinte apresenta os comentários sobre o processo tradutório, a partir de uma análise retrospectiva feita pelo próprio tradutor, de cada elo coesivo separadamente.

4. COMENTÁRIOS SOBRE O PROCESSO TRADUTÓRIO: UMA ANÁLISE RETROSPECTIVA

Williams e Chesterman (2002) consideram pesquisa calcada em comentários (denominada por eles “*Translation with Commentary*” – Tradução com comentário, p. 7), como sendo uma “forma de pesquisa retrospectiva e introspectiva, em que o próprio tradutor traduz um texto e ao mesmo tempo escreve um comentário sobre seu próprio processo de tradução” (tradução minha). Segundo os autores, tal comentário pode incluir uma discussão na tarefa tradutória, uma análise de aspectos do texto fonte e uma justificativa arrazoada das soluções encontradas para tipos de problemas específicos. Os autores argumentam ainda que o valor de tal pesquisa está na contribuição que uma autoconscientização aumentada pode dar à qualidade da tradução.

De acordo com Williams e Chesterman (2002), para se fazer uma tradução com comentário, é preciso que algumas condições sejam atendidas:

- (i) A existência de um texto que precisa ser traduzido;
- (ii) Leitura pelo tradutor sobre Análise Textual e Estilística Contrastiva;
- (iii) Consultoria com especialistas da área do texto a ser traduzido;
- (iv) Uma análise do texto a ser traduzido;
- (v) Uma tradução do texto;
- (vi) Um comentário sobre a tradução (p. 39).

Neste contexto, a pesquisa realizada contemplou todas as condições citadas. Com isto, foi possível realizar uma descrição detalhada dos vários estágios do processo tradutório, com enfoque nos elos coesivos, a qual está apresentada a seguir,

Inicialmente, observa-se que foram encontradas no texto-fonte duas variações do elo coesivo investigado na escrita de

sinais . Na tradução para o português brasileiro, houve quatro variações, sendo: então; portanto; também; por esse motivo.

	Então, portanto, também, por esse motivo.
---	--

Tabela 5: Variação na expressão do elo coesivo “então”.

O critério que informou o processo de tomada de decisão com relação à escolha de uma dentre o repertório de possibilidades elencados na Tabela 5, foi a interpretação das relações que estavam sendo estabelecidas entre as orações e a adequação de cada um dos elos ao ambiente textual onde ele ocorria.

4.1 Tradução de

4.1.1 Questões de pontuação

A partir dos recortes a seguir, é possível verificar como as marcações não-manuais afetam a tradução. A estrutura da escrita da língua de sinais é diferente da escrita das línguas orais. Esta diferença pode ser percebida nos dados através do uso da pontuação, onde um movimento de ombro, por exemplo, pode representar uma pausa, caracterizada pela vírgula no texto traduzido.

Um fator interessante em relação às diferenças de estrutura e uso da pontuação se refere às ocorrências da partícula “então” entre um ponto final e uma vírgula. Com relação a este caso, é interessante observar que essa configuração de pontuação pode ser uma característica da escrita de sinais, pois essa estrutura não é encontrada no português. Para confirmação desta hipótese, seria necessária uma pesquisa mais aprofundada, o que está além do escopo do presente trabalho.

Os 4 (quatro) exemplos a seguir ilustram casos da configuração mencionada anteriormente:

O sinal  da página 177 linha 7 coluna 3 do texto-fonte, está localizado após um ponto final e possui a função causal pois inicia uma oração que precede e explica o fato. Na tradução, foi utilizada a palavra “então” e a partícula está disposta depois de um ponto final e antes de uma vírgula. Sua função continua causal. É

possível entender que o movimento de ombro do sinal  pode referir-se a uma pausa e desempenha na tradução o papel da vírgula.

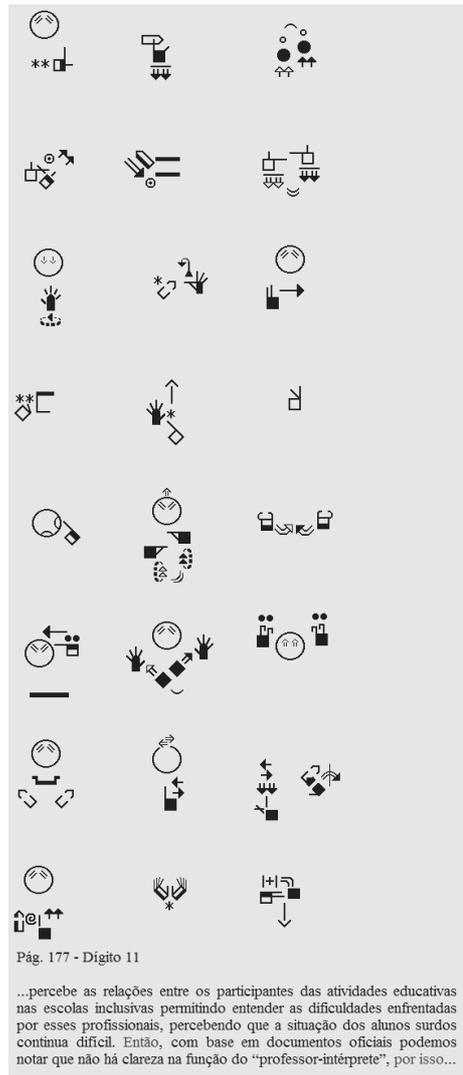


Figura 22: Exemplo de questão de pontuação da página 177.

O sinal  da página 187 linha 3 coluna 1 do texto-fonte está localizado pela primeira vez entre um ponto final, um sinal e uma vírgula. Essa pontuação difere do português, no qual o “então” geralmente é seguido por uma vírgula. Possui a função causal, pois inicia uma oração que precede o fato. Na tradução, foi utilizada “então” e a partícula está disposta entre um ponto final e uma vírgula com função causal mantida. Pode-se argumentar que o movimento de ombro do sinal  pode referir-se a uma pausa e desempenha, na tradução, o papel da vírgula.

O sinal  da página 197 linha 4 coluna 5 do texto-fonte está localizado entre um ponto final, um sinal e uma vírgula. Esta pontuação é diferente do português, no qual o “então” geralmente é seguido por uma vírgula. Sua função é causal, pois atribui causa à oração anterior. Na tradução, foi utilizada a palavra “então” e a partícula está disposta após um ponto final. Sua função continua causal. Entende-se que o movimento de ombro do sinal  pode referir-se a uma pausa e desempenha na tradução o papel da vírgula.

O sinal  da página 198 linha 4 coluna 4 do texto-fonte está localizado entre um ponto final, um sinal e uma vírgula. Esta pontuação difere do português, no qual o “então” geralmente é seguido por uma vírgula. Sua função é causal, pois inicia uma oração que exprime causa de outra oração. Na tradução, foi utilizada a palavra “então” e a partícula está disposta após um ponto final. Sua função causal foi preservada. É possível deduzir que o movimento de ombro do sinal  pode referir-se a uma pausa e desempenha na tradução o papel da vírgula.

4.1.2 Questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português

No que diz respeito às diferenças na interpretação do elo coesivo em português, é interessante notar a alteração da função das partículas no decorrer do texto. É o caso de alguns dos

comentários a seguir, nos quais a tradução as partículas possui função alterada de continuativa para causal e de aditiva para causal.

Além disso, há sinais escritos de forma diferente, sem alteração de significado. Essa escolha pode ser justificada através da decisão da autora em modificar a escrita sem alterar o significado da partícula.

Os 2 (dois) exemplos a seguir ilustram casos da configuração mencionada anteriormente.

O sinal  da página 169 linha 1 coluna 2 do texto-fonte está localizado após um ponto final e possui a função continuativa, exprimindo uma transição de idéia. Na tradução, foi utilizada a palavra “então” e a partícula está disposta após uma vírgula, diferente do texto-fonte. Sua função foi alterada de continuativa para causal, pois estabelece uma relação causal com a oração anterior. Neste caso específico, houve impacto tanto em questões de pontuação quanto em questões de interpretação do elo coesivo.

Pág. 169 - Dígito 03

...se sobram vagas, então os ouvintes poderão ingressar.
 Esses alunos estão situados ao longo de 9 estados brasileiros,
 nas diversas regiões do Brasil. O programa é oferecido na
 modalidade à distância, através de um sistema organizado em
 Libras utilizando o ambiente virtual e DVD. Essa é uma área
 nova no Brasil. Os textos originais estavam em Português e
 foram traduzidos...

Figura 23: Exemplo de questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português da página 169.

Na página 179 linha 8 coluna 2 e linha 4 coluna 5 aparece duas vezes o sinal  com a mesma função do sinal  escrito de forma diferente - com rotação de antebraço - e sem alteração de significado. Os sinais não precedem nem antecedem pontuação e possuem função aditiva expressando a idéia de acrescentamento. Na tradução, foram atribuídas aos sinais funções diferentes. Enquanto para o primeiro sinal foi usado o elo coesivo “então” e foi atribuída a ele a função de causa da oração anterior, para o segundo foi utilizado o elo coesivo “também” com sua função aditiva preservada. Para o texto traduzido se manter coerente, foi necessário alterar a função do  de aditiva para causal.

4.1.3 Questões de Redundância e Omissão

Sobre as questões de redundância, há ocorrência de duas partículas em um mesmo bloco semântico que se complementam. Na tradução, a função das partículas foi mantida e não foi necessário utilizar nenhuma palavra, já que o significado das partículas está expresso no corpo do texto. Os 2 (dois) exemplos a seguir ilustram esta configuração.

Os sinais  da página 176 linha 3 coluna 2 e linha 4 coluna 4 do texto-fonte pertencem ao mesmo bloco semântico e se complementam. A primeira ocorrência está localizada após um ponto final e a segunda após uma vírgula, ambas possuindo função causal, por atribuir causa à oração anterior. Na tradução, a função das partículas foi mantida, mas não foi utilizada nenhuma palavra que mencionasse o sinal, ou seja, houve omissão para evitar redundância. A primeira ocorrência está disposta após um ponto final e a segunda após uma vírgula.

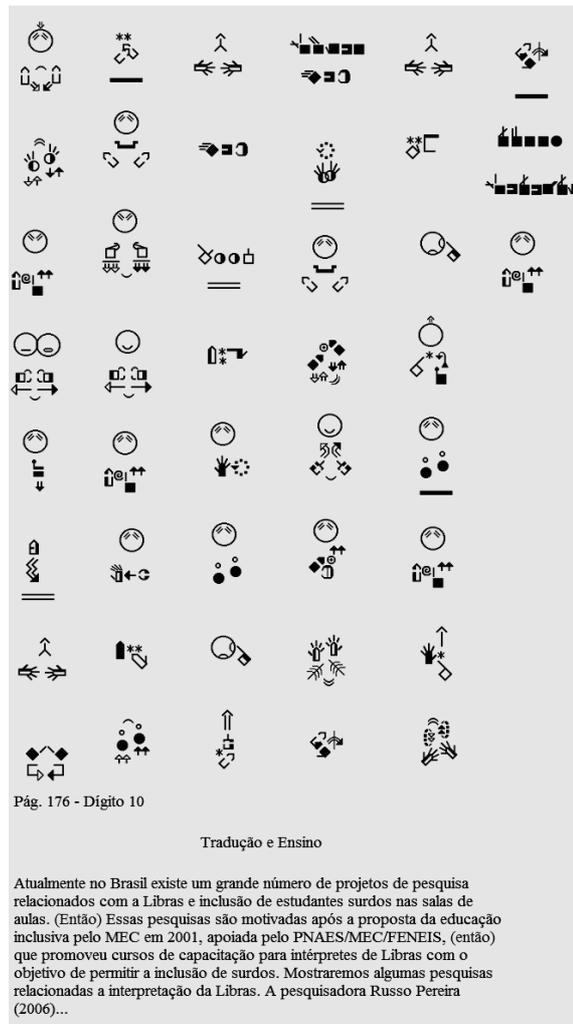
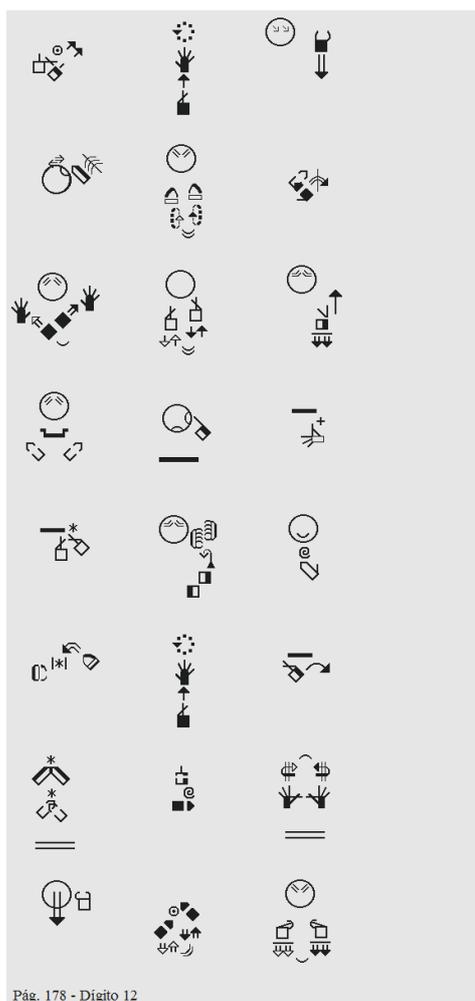


Figura 24: Exemplo de Questões de Redundância e Omissão da página 176.

O sinal  da página 178 linha 4 coluna 1 do texto-fonte não precede nem antecede pontuação e possui a função aditiva, pois indica uma relação de adição à oração anterior. Na tradução, o

sinal foi omitido para evitar redundância, uma vez que a causa já estava expressa no “por isso”.



...não temos compreensão clara (então) de suas responsabilidades dentro das escolas, fato que nega a representação como um atuante aliado das pessoas surdas. A representação do intérprete profissional está associada ao voluntariado religioso ou familiar e isso precisa ser modificado para permitir a construção de uma nova representação coerente com o novo papel desses profissionais através da legislação. Algumas vezes a

Figura 25: Exemplo de Questões de Redundância e Omissão da página 176.

4.1.4 Questão de variação na expressão do elo coesivo ‘então’ em português.

Em relação à questão de variação na expressão do elo coesivo ‘então’ em português, esclareço que, ao produzir a tradução, foi utilizado como apoio a Tabela 2 de Baker (2011). Os exemplos a seguir ilustram a variação que ocorreu na minha tradução do texto.

O sinal  da página 195 linha 3 coluna 4 do texto-fonte está localizado após um ponto final e possui a função causal, pois atribui causa à oração anterior. Na tradução, utilizou-se o elo coesivo “por esse motivo” e a partícula está disposta entre um ponto final e uma vírgula, com função causal mantida. É possível

interpretar que o movimento de ombro do sinal  pode referir-se a uma pausa, e desempenha o papel da vírgula na tradução. Questões de estilo pessoal influenciaram esta decisão¹⁵.

¹⁵ Ao explicar a escolha tradutória em termos de “questão de estilo”, eu me refiro ao que o teórico Gile (1995) chama de *Personal Information* (p.56). Esse teórico explica ‘*personal information*’ como sendo um tipo de acréscimo que é feito na tradução, não por limitações linguísticas ou por necessidade de esclarecer informações para o leitor de chegada, mas associado a características idiossincráticas do tradutor, ligadas ao seu estilo pessoal, incluindo-se aqui questões de dialeto regional, traços estilísticos e escolhas lexicais.



Pág. 195 - Dígito 29

...no que diz respeito às identidades. Santos, observou a partir das entrevistas que não há identidades padrões nos intérpretes de Língua de Sinais. Por isso, elementos como religião, área profissional e familiar podem ter impactos na identidade do intérprete. Existem diferentes identidades. Por esse motivo, mesmo os intérpretes que não tem formação buscam se tornar profissionais.

Figura 26: Exemplo de questão de variação na expressão do elo coesivo ‘então’ em português da página 195.

O sinal  da página 202 linha 4 coluna 2 do texto-fonte está localizado antes de uma vírgula e possui a função causal, pois inicia uma oração que exprime causa de outra oração. Na tradução, foi utilizado o elo coesivo “então”, disposto após uma vírgula. Sua função causal foi preservada.

O sinal  da página 204 linha 6 coluna 2 do texto-fonte está localizado antes de uma vírgula e possui a função causal, pois ela

inicia uma oração que explica o fato da oração anterior. Na tradução, foi utilizado o elo coesivo “então”, também disposto após uma vírgula com função causal mantida.

O sinal  da página 205 linha 6 coluna 2 do texto-fonte está localizado antes de um ponto final e possui a função causal, pois atribui causa à oração anterior. Acredito que o ponto final pode ter sido utilizado de forma equivocada, porque parece haver continuidade do mesmo tópico desenvolvido. Na tradução, foi utilizado o elo coesivo “então”, antecedendo uma vírgula, com função causal mantida.

Novamente, questões de estilo influenciaram minha decisão.

4.2 Tradução de

Foram encontradas no texto-fonte duas variações do elo

coesivo investigado na escrita de sinais . Na tradução para o português brasileiro, tomei a decisão de utilizar duas variações: “mas” e “no entanto”.

	Mas, no entanto
---	-----------------

Tabela 6: Variação na expressão do elo coesivo “mas”.

O critério que informou o processo de tomada de decisão em relação à escolha de uma, dentre o repertório de possibilidades, foi a interpretação das relações que estavam sendo estabelecidas entre as orações e questões de estilo.

A seguir, a organização dos comentários, conforme o uso de um ou outro dos elos coesivos dispostos na Tabela 6.

4.2.1 Questão de variação na expressão do elo coesivo ‘mas’ em português

No que diz respeito à questão de variação na expressão do elo coesivo em português, esclareço que ao produzir a tradução, foi

utilizado como apoio a Tabela 2 de Baker (2011). Os 3 (três) exemplos a seguir ilustram a variação que ocorreu no meu texto traduzido.

O sinal  da página 191 linha 4 coluna 5 do texto-fonte, possui função adversativa, pois estabelece relação de contraste entre o sentido das duas orações. Na tradução, foi utilizado “mas” e a partícula está localizada após uma vírgula com função adversativa mantida.

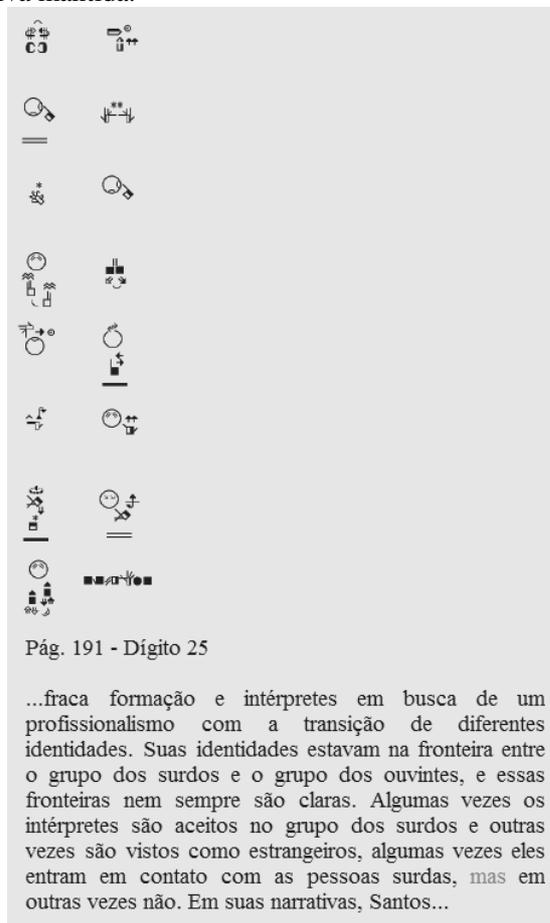


Figura 27: Exemplo de questão de variação na expressão do elo coesivo “mas” em português da página 191.

O sinal  da página 193 linha 8 coluna 4 do texto-fonte, possui função adversativa, pois indica uma relação de adição à oração. Na tradução, foi utilizado “mas” e a partícula está localizada após uma vírgula, com função aditiva preservada.

O sinal  da página 202 linha 4 coluna 1 do texto-fonte possui função adversativa, pois indica uma relação de adição à oração. Na tradução, foi utilizado “no entanto” e a partícula está localizada após uma vírgula com função aditiva mantida.

4.2.2 Questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português

Uma das diferenças na interpretação do elo coesivo em português, encontra-se na partícula do exemplo a seguir, no qual o sinal foi escrito de forma diferente sem alteração de significado. Esta escolha pode ser justificada através da decisão da autora em modificar a escrita sem alterar o significado da partícula.

Na página 192 linha 1 e coluna 3 do texto-fonte aparece pela

primeira vez o sinal  com a mesma função do sinal  que corresponde ao acréscimo de marcações não-manuais e possui função adversativa, pois estabelece relação de contraste entre o sentido das duas orações. Na tradução, foi utilizado “mas” e a partícula está localizada após uma vírgula com função adversativa preservada.

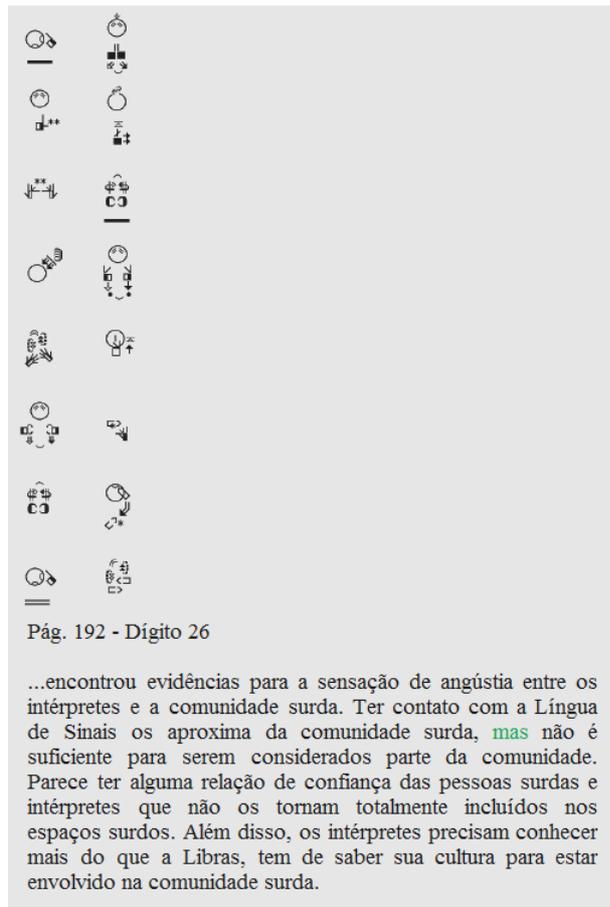


Figura 28: Exemplo de questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português.

4.3 Tradução do sinal

Foram encontrados no texto-fonte duas variações do elo coesivo investigado na escrita de sinais . Na tradução para o português brasileiro, houve três variações: por isso, além disso e por essa razão.

	Por isso, além disso, por essa razão
--	--------------------------------------

Tabela 7: Variação na expressão do elo coesivo “por isso”.

O critério que informou o processo de tomada de decisão em relação à escolha de uma dentre o repertório de possibilidades elencados na Tabela 7, foi a interpretação das relações que estavam sendo estabelecidas entre as orações e à adequação de cada uma delas ao ambiente textual onde o elo ocorria.

4.3.1 Questões de pontuação

Conforme descrito anteriormente, a estrutura da escrita das línguas de sinais é diferente da escrita das línguas orais. A partícula a seguir está localizada entre um ponto final, um sinal e uma vírgula. Diferente do português, no qual a palavra “por isso” geralmente é seguida por uma vírgula. Com relação a esse caso, é interessante observar que esta configuração de pontuação pode ser uma característica da escrita de sinais, pois essa estrutura não é encontrada no português, como já observado anteriormente.

O exemplo a seguir ilustra esta configuração:

O sinal  da página 195 linha 6 coluna 2 do texto-fonte está localizado entre um ponto final, um sinal e uma vírgula. Esta pontuação diferente do português, no qual o “por isso” geralmente é seguido por uma vírgula. Possui função causal por iniciar uma oração que precede o fato. Na tradução, foi utilizado “por isso” e o elo coesivo está localizado entre um ponto final e uma vírgula, com função causal preservada.



Pág. 195 - Dígito 29

...no que diz respeito às identidades. Santos, observou a partir das entrevistas que não há identidades padrões nos intérpretes de Língua de Sinais. Por isso, elementos como religião, área profissional e familiar podem ter impactos na identidade do intérprete. Existem diferentes identidades.

Figura 29: Exemplo de Questões de pontuação, página 195.

4.3.2 Questões de redundância e omissão

Na tradução da partícula a seguir, não foi designada nenhuma palavra, já que a função da partícula foi mantida e o seu significado está expresso no corpo do texto. Além disso, a partícula foi escrita de forma diferente das demais e sem alteração de significado. Essa escolha pode ser justificada através da decisão da autora em modificar a escrita sem alterar o significado da partícula. O exemplo a seguir ilustra essa configuração mencionada:

Na página 179 linha 3 coluna 4 aparece o sinal  com a mesma função do sinal  que corresponde à ausência de marcações não-manuais . Possui função causal, pois inicia uma oração que precede o fato. Na tradução, não foi utilizada nenhuma palavra para o sinal  e sua função foi preservada.

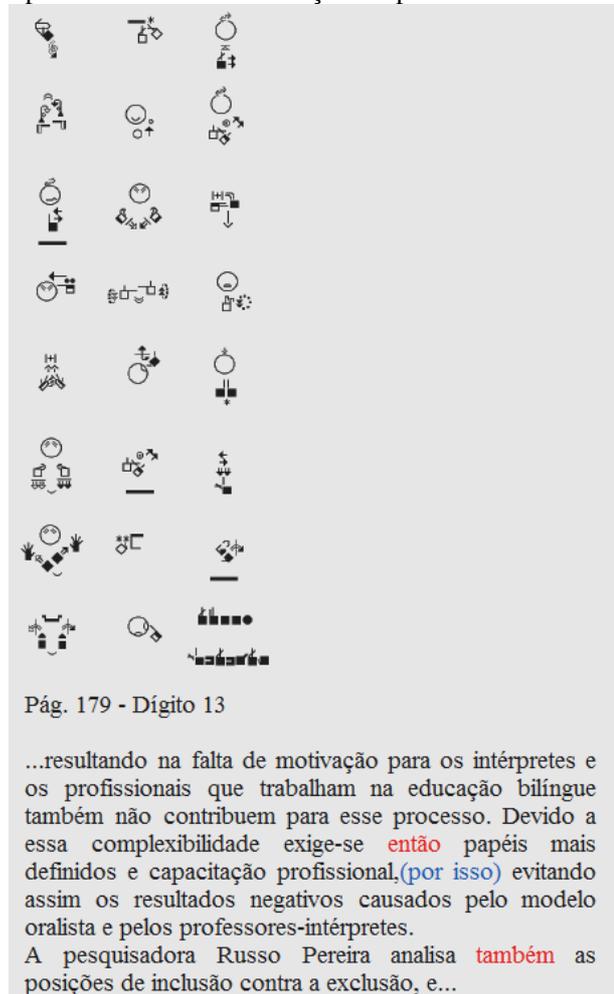


Figura 30: Exemplo de questões de redundância e omissão.

4.3.3 Questão de variação na expressão do elo coesivo ‘por isso’ em português.

Pelo fato de haver poucos exemplos de “por isso”, não houve muita variação. O exemplo a seguir mostra a decisão tomada pelo tradutor:

O sinal  da página 194 linha 6 coluna 1 do texto-fonte está localizado após uma vírgula e possui a função causal, pois atribui causa à oração anterior. Na tradução, foi utilizado “por essa razão” e a partícula está localizada após uma vírgula; e sua função continua causal.

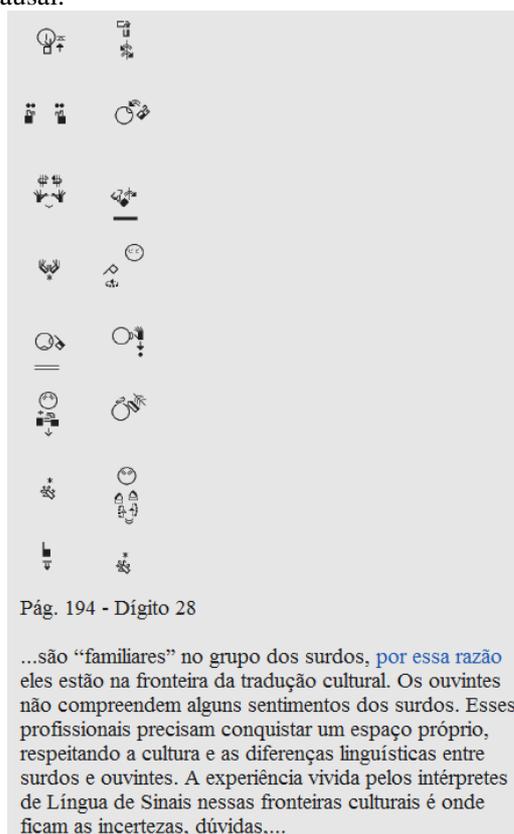


Figura 31: Exemplo de questões de variação na expressão do elo coesivo “por isso” em português.

4.3.4 Questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português

Sobre as diferenças na interpretação do elo coesivo em português, o próximo exemplo representa uma ocorrência interessante. A partícula foi traduzida por “além disso”, estando localizada na tradução entre um ponto final e uma vírgula e ainda teve sua função alterada de causal para aditiva. Esta alteração atendeu a questões de estilo do tradutor. O exemplo ilustra este

ponto: O sinal  da página 168 linha 6 coluna 5 possui função causal no texto-fonte, pois inicia uma oração que exprime causa de outra oração. Na tradução, foi utilizado o elo coesivo “além disso”, localizado entre um ponto final e uma vírgula. Houve mudança na função, que passou de causal para aditiva, por ter sido interpretado por mim como explicitando uma relação aditiva. Novamente, questões de estilo pessoal do tradutor explicam esta decisão.

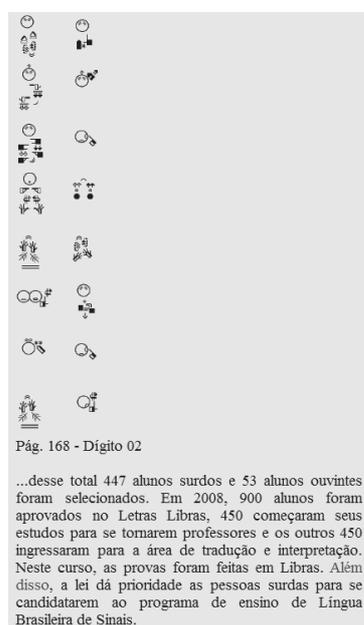


Figura 32: Exemplo de questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português.

4.4 Questões de marcação não-manuais

As marcações não-manuais são elementos presentes na língua de sinais. Segundo Quadros e Karnopp (2009), as expressões não-manuais (movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. Sobre as construções sintáticas, podem ser citadas: as interrogativas sim-não; interrogativas QU-; as orações relativas; topicalizações; concordância; e foco. Enquanto que as lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto. (QUADROS e KARNOPP, 2009).

A elevação das sobrancelhas pode determinar estruturas gramaticais como sentenças de tópico, relativas, condicionais, e, ainda, equivaler nas línguas de sinais ao aumento de tom nas línguas faladas, podendo resultar, por exemplo, sentenças com causalidade e condicionalidade na ISL (ANATER, 2009 p. 34).

A citação anterior está ilustrada com o exemplo da página

177 linha 8 coluna 5 e aparece pela primeira vez o sinal  com

a mesma função do sinal , que corresponde à ausência de

marcações não-manuais. A partícula faz elo com o  da página 178 linha 4 coluna 1, dando função de causalidade por atribuir causa à oração anterior. Na tradução, foi utilizado o elo coesivo “por isso”, localizado após uma vírgula, com função causal

mantida. O sinal  com acréscimo da cabeça e elevação de

sobrancelha  do texto-fonte, corresponde a uma marcação não-manual com função causal.

As ocorrências dos sinais não-manuais no texto-fonte foram: movimento de cabeça, movimento de sobrancelhas, direção do

olhar, bochechas, movimento da boca e movimento de ombro, como ilustrado na Figura 33.

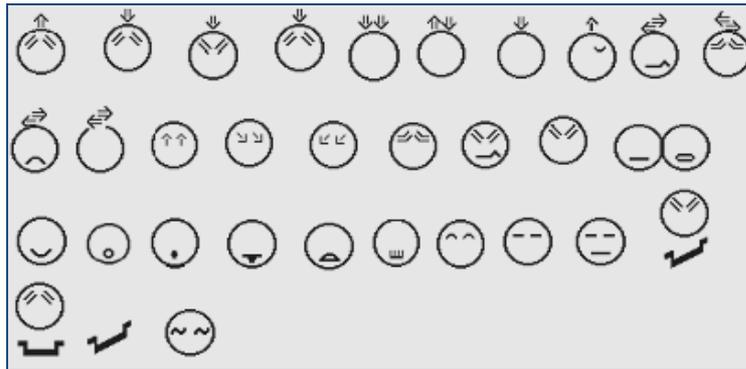
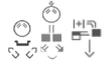


Figura 33: Ocorrência dos sinais não-manuais no texto-fonte.

4.5 Reflexões finais dos comentários

A investigação dos elos coesivos  e de suas variações , foram sistematizados nos comentários em diversas questões. Nas questões de pontuação, foi percebido como os sinais não-manuais podem afetar a pontuação do texto como, por exemplo, as pausas geradas pelos movimentos de ombro, traduzidas para o português como vírgula. Sobre as questões de diferenças na interpretação do elo coesivo em português, foi observada a alteração das partículas, além dos sinais escritos de forma diferente sem alteração de seu significado. Nas questões de redundância e omissão, houve partículas do mesmo bloco semântico que se complementam sem necessidade de designar nenhuma palavra na tradução para o português, pois o significado estava implícito no corpo do texto. As questões de variação na expressão do elo coesivo foram basicamente realizadas a partir da escolha do tradutor de acordo com a tabela de Baker (2011) por motivos estéticos. Por fim, nas questões de sinais não-manuais, ficou evidente como a presença dos sinais não-manuais podem afetar a tradução do texto e destacar as construções sintáticas e de diferenciação de itens lexicais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Contextualização da Pesquisa

Essa pesquisa buscou ampliar o diálogo entre a Linguística Sistêmico-Funcional e os Estudos da Tradução no cenário brasileiro para incluir uma nova dimensão de investigação, a partir da área ‘Análise Textual e Tradução’, qual seja, ‘Tradução Comentada’.

O trabalho foi impulsionado pelo artigo “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: formação e pesquisa”, publicado no periódico ‘Cadernos de Tradução’ do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) – 2010/2 - nº XXVI - Vol. Esp. Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, organizado por Ronice M. de Quadros.

Este artigo foi traduzido em Língua Brasileira de Sinais através do Sistema de Escrita de Sinais, sendo esta, a primeira publicação acadêmica do gênero no Brasil e apresenta uma síntese da evolução da formação dos tradutores e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais.

5.2 Limitações da Pesquisa

As partículas de conjunção foram analisadas com suporte da tabela de conjunção de Baker (2011). Ciente que este modelo fora desenhado para línguas orais, ele não conseguiu captar, acolher e descrever alguns sinais que também poderiam funcionar como elos coesivos. Sendo assim, pode ser necessário expandir o modelo de Baker (2011) de modo que se consiga colocar mais categorias, as quais disponibilizem ferramentas para descrever esses sinais, que são também elos coesivos e não são inclusos neste modelo. Essa expansão seria de grande contribuição para descrição de elos coesivos nas Línguas de Sinais.

No que decorre da escassez de materiais em/sobre Escrita de Sinais no meio acadêmico, os que existem apresentam poucas ou nenhuma informações a respeito dos elos coesivos dentro dos mecanismos de conjunção na Escrita de Sinais, criando mais uma dificuldade em compreender sinais que poderiam ser elos coesivos,

mas que, porém, nunca foram descritos. Essa pesquisa oferece algum subsídio sobre este assunto.

No início do projeto, foram levantadas as PP que nortearam o trabalho e deram as dimensões essenciais da pesquisa. Essas perguntas estabelecem inter-relações e estão apresentadas em sua ordem:

PP1- Os elos coesivos  ,  e  do texto em Libras tem a mesma função do texto em português?"

Como parte da análise dos dados, foi identificada que:

- (i) As diferenças percebidas devido a preferências estilísticas de dispositivos de coesão em diferentes idiomas (BLUM-KULKA, 1986) afetam o texto-alvo Português Brasileiro;
- (ii) Em alguns casos os mecanismos de conjunção são omitidos para deixar o texto facilmente legível pelo público-alvo, refletindo maior clareza e resultando em um texto com uma tradução que não soa estranha, pois de acordo com Baker (2011), é preciso encontrar um equilíbrio entre precisão e naturalidade. Em outros casos, essa mudança ocorre pelo estilo do tradutor.

O critério que informou o processo de tomada de decisão com relação à escolha de uma, dentre o repertório de possibilidades, foi a interpretação das relações que estavam sendo estabelecidas entre as orações e questões de estilo.

PP2- Como os elos coesivos se comportam na relação tradutória?

Foram levantadas cinco questões que serviram de orientação para responder a esta pergunta:

- i) Pontuação;
- ii) Diferenças de interpretação do elo coesivo em português;

- iii) Redundância e Omissão;
- iv) Variação na expressão do elo coesivo em português e;
- v) Marcações Não-Manuais.

Estas questões mostram o comportamento dos elos coesivos na relação tradutória.

PP3- Como aplicar o modelo de conjunção (BAKER, 2011) no ato tradutório da Escrita da Língua de Sinais em Libras para o Português escrito?

Mesmo reconhecendo essas limitações, a tabela de Baker (2011) foi utilizada como parâmetro para o encontro dos resultados

provenientes da análise dos elos coesivos ,  e .

O que se pode perceber é que na maioria dos casos ocorre uma equivalência entre os elos de coesão do texto-fonte e do texto-alvo.

Foi verificado que as funções dos mecanismos de conjunção estudados ,  e  abrangeram, em sua maioria, as ocorrências na tradução em Português Brasileiro que correspondem às mesmas construções semânticas nos textos.

5.3 Sugestões de Pesquisas Futuras

Pelo fato de ser uma publicação acadêmica pioneira em Escrita de Sinais, inúmeras questões foram levantadas no decorrer da pesquisa. As convenções no texto em Escrita de Sinais são lidas verticalmente, porém o título e os subtítulos estavam escritos na horizontal, dificultando o discernimento entre eles, confundindo a leitura em alguns momentos.

Essa distinção só pode ser vista nitidamente quando importado o PDF do artigo para o editor de imagem *Adobe Photoshop CS*, como apresentado no Anexo III. Este contém também exemplos de como cada página fora formatada para impressão. Essa observação abre precedente para possíveis pesquisas sobre a formatação de textos em Escrita de Sinais especificamente em SignWriting®.

Outro aspecto interessante encontrado no decorrer do texto são os sinais de mesmo significado semântico, porém escrito de formas diferentes. Isto pode referir supostamente a marcas de formalidade e informalidade. Algumas vezes, o texto está escrito com sinais utilizados em uma conversa descontraída. Este aspecto pode gerar possíveis pesquisas sobre as marcas de formalidade e informalidade no contexto da Escrita de Sinais.

Propõe-se o estudo isolado dos parâmetros da Língua de Sinais, bem como a utilização do espaço, orientação da palma da mão, expressão facial e também as marcações não-manuais, analisando suas funções conjuntivas, como por exemplo, a função do olhar.

Os elos de coesão foram analisados com suporte da tabela de conjunção de Baker (2011). Ciente que este modelo fora desenhado para línguas orais, ele não conseguiu captar, acolher e descrever alguns sinais que também poderiam funcionar como elos coesivos. Sendo assim, pode ser necessário expandir o modelo de Baker (2011) de modo que se consiga colocar mais categorias, as quais disponibilizem ferramentas para descrever esses sinais, que são também elos coesivos e não são inclusos neste modelo. Essa expansão seria de grande contribuição para descrição de elos coesivos nas Línguas de Sinais.

Por fim, no que se refere à pontuação em Escrita de Sinais, pode-se afirmar que a mesma reflete diretamente na tradução em Português Brasileiro. Um exemplo é a ocorrência da partícula  localizada entre um ponto final e uma vírgula.



Figura 34: Exemplo de pontuação em escrita de sinais.

Com relação a este caso, é interessante observar que essa configuração de pontuação pode ser uma característica da escrita de sinais, por ser uma estrutura não encontrada no português.

Por se constituírem em estruturas diferentes, a pontuação também se comporta de maneira diferente. E, para confirmação dessa hipótese, seria necessária uma pesquisa aprofundada, o que está além do escopo do presente trabalho, surgindo assim, mais uma proposta de pesquisa futura.

5.4 Algumas considerações sobre os comentários

Durante a pesquisa foram destacados alguns pontos referentes e decorrentes aos elos coesivos propostos no trabalho. Algumas questões foram criadas a partir do comportamento recorrente desses elos, sendo elas citadas nos próximos itens.

5.4.1 Questões de Pontuação

Como apontado por Baker (2011) cada língua tem seus próprios mecanismos para o estabelecimento de ligações coesas. A estrutura da escrita das línguas de sinais é diferente da escrita das línguas orais. Isto é percebido nos dados através do uso da pontuação, no qual um movimento de ombro, por exemplo, pode representar uma pausa, caracterizada pela vírgula no texto traduzido.

Além dos tipos de conjunções, o Português Brasileiro depende de um sistema de pontuação desenvolvido para marcar pausas e relações entre pedaços de informação (BAKER, 2011). Desta maneira, algumas partículas de conjunção serão omitidas por confiar nesses dispositivos de pontuação.

5.4.2 Questões de diferenças de interpretação do elo coesivo em português

As partículas de ligação podem transitar entre as demais relações existentes. No entanto, esta alternância dependerá do seu contexto da oração. Por exemplo, a partícula 'então' pode ser continuativa, porém, em outro contexto, poderá sinalizar como uma relação causal, e assim poderá ser também para outras partículas.

No que diz respeito às diferenças na interpretação do elo coesivo em português, é interessante notar a alteração da função das partículas no decorrer do texto, como alguns casos onde as partículas sofreram alteração de suas funções continuativa para causal e de aditiva para causal.

5.4.3 Questões de Redundância e omissão

Alguns sinais coesivos em Escrita de Sinais Brasileira são utilizados apenas para indicar que uma frase está conectada à outra sem menção à função da ligação. Neste caso, um sinal de um elemento coesivo pode ter várias opções de tradução ou ser omitido sem perder as características do texto-fonte na tradução.

Para se obter a coesão, é importante a escolha de conectivo adequado para expressar as diversas relações semânticas. O mesmo conectivo pode expressar relações semânticas diferentes: é, pois, preciso saber reconhecê-las. A omissão de conectivos, embora admissível, só deve ser feito quando a relação semântica estiver bem clara para evitar a ambiguidade (a não ser que seja intencional). (FÁVERO, 1997, p. 14-15).

Sobre as questões de redundância, existe a ocorrência de duas partículas em um mesmo bloco semântico que se complementam. Na tradução, a função das partículas foi mantida e não foi necessário utilizar nenhuma palavra, já que o significado das partículas está expresso no corpo do texto.

Para maior naturalidade, precisão e lógica do texto, as partículas ‘então’ e ‘por isso’ no texto-alvo precisaram, em algumas vezes, serem omitidas, tornando o texto facilmente legível. Essa característica pode ser resultado também do gênero do texto, pois alguns tipos de gêneros refletem mais relações conjuntivas do que outros.

Smith e Frawley (1983) sugerem que alguns gêneros são geralmente “mais conjuntivos” do que outros, e que cada gênero tem suas próprias preferências para determinar os tipos de conjunção neles encontrados.

5.4.4 Questões de variação na expressão do elo coesivo em português

Há sinais escritos de forma diferente sem alteração de significado. Essa escolha pode ser justificada através da decisão da autora em modificar a escrita sem alterar o significado da partícula.

5.5.5 Questões de Marcação não-manuais

Percebeu-se claramente como a presença dos sinais não-manuais podem afetar a tradução do texto e destacar as construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais.

5.5 Considerações Finais

A conjunção utiliza-se dos conectivos que tecem a frase de maneira que faça entender o que irá ser dito, ou o que antecede uma sentença. Podemos exemplificar algumas destas partículas de ligação, também chamados de elos, como: ‘mas’, ‘então’, ‘depois’, ‘assim’, ‘e’, ‘por isso’, entre outros.

O que fica evidenciado, entretanto, é a aplicabilidade frutífera da teoria hallidayana nas áreas disciplinares, que propiciam a sua adoção. Como é o caso do viés textual dos Estudos da Tradução, com atenção direta em relação à tradução do referido artigo e reflexões retrospectivas sobre o fazer tradutório.

Retomando a discussão sobre as preocupações sobre os conceitos de coesão, existem diferenças nas normas estabelecidas para o uso dos mecanismos de coesão em diferentes línguas, pois “cada língua tem seus próprios mecanismos para o estabelecimento das ligações de coesão” (BAKER, 1992, p. 190). E, “a manipulação inadequada de sequenciamento e coesão pode prejudicar a qualidade do texto, que se traduziu ou não” (VASCONCELLOS, 1997, p. 63 – minha tradução).

Neste contexto, os elos de coesão facilitam a conscientização do tradutor com relação à configuração do texto-fonte, o que pode levar à produção de uma tradução funcionalmente equivalente. Isto, na ausência de outras variáveis, constitui um dos objetivos da tarefa tradutória informada pelos parâmetros da LSF com suporte no Modelo de Conjunção de Baker.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANATER, G.I.P. As Marcações linguísticas não-manuais na aquisição da língua de sinais brasileira (LSB): um estudo de caso longitudinal. Dissertação de Mestrado. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

BAKER, M. In *Other Words: A Coursebook on Translation*. London & New York: Routledge, 2011.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta. Campinas, SP: Pontes, 1990.

BARROS, M. E. ELIS – Escrita das Línguas de Sinais: Proposta teórica e Verificação prática. Tese de Doutorado. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

BENTELE, S. HamNoSys: Sample of Sentences From Goldilocks. Califórnia: SignWriting® Site. Outubro de 1999 – [acesso em 25 de Janeiro de 2012]. Disponível em: <http://www.SignWriting.org/forums/linguistics/ling007.html>

BLOOR, T. & BLOOR, M. (1997). *The Functional Analysis of English. A Hallydayan Approach*. London/New York: Arnold.

BLUM-KULKA, S. Shifts of cohesion and coherence in translation. 1986. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. London, UK: Routledge Press, 2000, p. 298-314.

CAMARGO – MORO, FERNANDA. 1933. Museu: aquisição – documentação, Rio de Janeiro, Livraria Eça Editora, 1986.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W.D. Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O Mundo do Surdo em Libras. Volume 8 – Palavras de Função Gramatical. São Paulo: (Fundação) Vitae: Fapesp: Capes: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 60-61.

- EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. London & New York: Continuum, 1994.
- FÁVERO, L. L. *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, L. *Por uma gramática de Língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- GILE, D. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Philadelphia: Benjamins, 1995.
- GRADDOL, D; Body-Barret, O. *Media Texts: Authors and Readers*. Clevedon: Multilingual Matters & The Open University, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.
- HALLIDAY, M. A. K., MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3rd ed. London: Edward Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M.A.K. Spoken and written modes of meaning. In: GRADDOL, 1994.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- HASAN, R. *Understanding Reading Comprehension: cognition, language and the structure of prose. Coherence and Cohesive Harmony*. In: FLOOD, J. (Ed.). Newark/Delaware: International Reading Association, 1984. p. 181-219.
- KOCH, I. V. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 2009.

LIDDELL, S. K. Grammar, gesture and meaning in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Libras escrita: o desafio de representar uma língua. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

tridimensional por um sistema de escrita linear. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

MARTIN, J.R.; ROSE, D. Genre relations. Mappingculture. London: Equinox, 2008.

MOREIRA, R. L. Uma Descrição da Dêixis de Pessoa na Língua de Sinais Brasileira: Pronomes Pessoais e Verbos Indicadores. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

NEVES, M. H. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NIDA, E. A. Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating. Leiden: E. J. Brill, 1964.

OLIVEIRA, Sara. Texto visual e leitura crítica: o dito, o omitido, o sugerido. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 15-39, jan./jun., 2006

QUADROS, R. M.; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. Coesão na Libras (E-mail). Message to: Franz Kafka Porto Domingos & Maria Lúcia Vasconcellos. Enviado em: 16 de Novembro de 2011 às 20:17. Acessado em: 17 de Novembro de 2011.

_____. Um Capítulo da História do SignWriting®. In: SignWriting® History – Capítulo 9. Califórnia: SignWriting® Site. Data Desconhecida – [acesso em 25 de Janeiro de 2012].

Disponível

em:

<http://www.SignWriting@.org/library/history/hist010.html>

SHUTTLEWORTH, M.; COWIE, M. Dictionary of Translation Studies. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

SMITH, R. N. & FRAWLEY, W. J. Conjunctive cohesion in four English genres. Text. Amsterdam: Mouton, 1983.

STUMPF, M. R. Aprendizagem de Escrita de Sinais pelo Sistema SingWriting: Línguas de Sinais no Papel e no Computador. Tese de Doutorado. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

VASCONCELLOS, M. L.; PAGANO, A. *Explorando interfaces: estudos da tradução, lingüística sistêmico-funcional e lingüística de corpus*. In: ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. (Org.). *Competência em tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 177-207.

VASCONCELLOS, M. L. B. ; QUADROS, R. M. ; DOMINGOS, F. K. ; MARTINS, R. *Lingüística Sistêmico-Funcional e Estudos da Tradução em novos diálogos: uma proposta de metodologia para Tradução Comentada*. In: VII Congreso Internacional de La Asociación de Lingüística Sistémico Funcional de América Latina - ALSFAL, 2012, Santa Fé. *Del género a la cláusula: los aportes de la LSF al estudio Del lenguaje em sociedad: Actas del VII Congreso Internacional de La Asociación de Lingüística Sistémico Funcional de América Latina - ALSFAL*. Santa Fé: Ediciones UNL, 2011. v. 1a ed. p. 405-419.

WILLIAMS, J. & CHESTTERMAN, A. (2002) *The Map. A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*. Manchester, UK: St. Jerome.

ANEXO I

Tabela de tradução de glosa, que faz parte desta pesquisa como um suporte inicial para a tradução comentada do artigo.

PÁGINA 167

FORMAR	PESQUISAR	TRADUZIR	INTERPRETAR	LIBRAS
BRASIL	INTERPRETAR	LIBRAS 2	ENTRAR	2006 (,)
TER	TRADUZIR	DENTRO	ENSINAR	TER
PROGRAMA	BRASIL (.)	ÁREAS	SURDO (.)	3172
CURSO	LEI	ENSINAR	CURSO	CANDIDATO
PROFESSOR	OBRIGAR	FONOAUDIOLÓGICA	LETRAS LIBRAS	
ENSINAR	CURRÍCULO	FUTURO	SC (FS)	
LIBRAS	UNIVERSIDADE	PRINCIPAL	COMEÇAR	
EXPLICAR	DISCIPLINA		ANO	

Obs: a leitura da 1 linha horizontal fornece o título do artigo.

PÁGINA 168

CONSEGUIR	BILÍNGUE (.)	METADE	COMO	LEI
PASSAR	ANO	450	PROVA	PRINCIPAL
SURDO	2008	PROFESSOR	ESCOLHER	SURDO
447	NOVAMENTE	LIBRAS	TUDO	ENSINAR
53	CURSO	METADE	LIBRAS 2 (,)	LIBRAS
OUVINTE	LETRAS LIBRAS	450	OUTRA	POR ISSO
SABER	900	TRADUZIR	SABER	SURDO
LIBRAS	ALUNO	INTERPRETAR (.)	LIBRAS 2 (,)	CONSEGUIR

PÁGINA 169

LUGAR	ENTÃO	ONDE / REGIÕES	PRÓPRIO	NOVO
CURSO	9	SUL NORTE	LIBRAS 2	ÁREA
LETRAS LIBRAS	ESTADO	BRASIL (.)	MATERIAL	É 2
SE	REGIÕES	CURSO	DVD (FS)	BRASIL (,)
ABANDONAR	BRASIL (.)	É	AVEA	MATERIAL
VAGA (FS)	TER	DISTÂNCIA (,)	DIFERENTE 2	TEXTO
PODER	5	SISTEMA	TUDO	PORTUGUÊS
OUVINTE (.)	LUGAR	ORGANIZAR	LIBRAS 2	TRADUZIR

			(,)	
--	--	--	-----	--

PÁGINA 170

LIBRAS
DESENVOLVER
NOVO
ÁREA
PESQUISAR
TRADUZIR (.)

PÁGINA 171

PRIMEIRO	COMEÇAR	FACULDADE	LIBRAS	
PROGRAMA 2	PROFESSOR	BRASIL	5626	CURSO
FACULDADE	BILÍNGUE	OFICIAL	ANO	LETRAS LIBRAS
TER	PORTUGUÊS	10436	2005 (.)	4
PESQUISAR	LIBRAS	ANO	APROVEITAR	ANOS
LIBRAS	BRASIL (,)	2002	LEI	ESTUDAR (,)
TRADUZIR (,)	LEI	TAMBÉM	UFSC	CURSO
INTERPRETAR (,)	LIBRAS	DECRETO	CRIAR	É 2

Obs: a leitura da 1 linha horizontal fornece sub-título.

PÁGINA 172

DISTÂNCIA (.)	COMO	DESENVOLVE R	PRIMEIRO PONTO	TRADUZIR
PROGRAM A 2	ENSINAR	CURSO	PRATICAR	TRABALHA R
OBJETIVO	APRENDER	PRINCIPAL	ENSINAR	ESTUDAR
SURDO (,)	PRÓPRIO	SURDO (,)	LIBRAS	LIBRAS
ENTÃO	SURDO (,)	CURSO	PROFESSOR	PORTUGUÊ S
ORGANIZA R	ENTRAR	LETRAS LIBRAS	SEGUNDO PONTO	ESCREVER
TUDO	SURDO	OBJETIVO	PRATICAR	FALAR (,)
LIBRAS 2	ORGANIZA R	DOIS PONTOS	INTERPRETA R	VER

PÁGINA 173

LIBRAS (,)	LICENCIATURA (FS)	TRADUZIR (,)	BRASIL	LINGUÍSTICA
PRINCIPAL	FORMAR 2	CURSO	TER	SURDO 2
DECRETO	PROFESSOR	DISTÂNCIA	PROFESSOR	ENSINAR
5626 (,)	LIBRAS	LIVRE	LIBRAS	SURDO
LETRAS LIBRAS	SEGUNDO PONTO	SURDO	REGIÕES 2 (,)	LIBRAS 2 (,)
TER	BACHARELADO	OUVINTE	ESTUDAR	LETRAS

	(FS)	(.)		LIBRAS
DOIS PONTOS	FORMAR 2	DIVERSOS	LER	15
PRIMEIRO PONTO	INTERPRETAR	REGIÕES 2	ÁREA	PÓLOS

PÁGINA 174

BRASIL
REGIÕES 2 (.)

PÁGINA 175

PESQUISAR	LIBRAS	BRASIL	TRADUZIR	INTERPRETAR
TER	COMEÇAR	INTERPRETAR	PROGRAMA 2	
DIFERENTE	PESQUISAR	TRADUZIR	SUPERIOR	
PESQUISAR	NOVO	PROFISSIONAL	BACHARELADO (FS)	
TEMA	ÁREA	ENSINAR	LETRAS LIBRAS (.)	
ORGANIZAR (.)	LIBRAS 2	INTERPRETAR		

Obs: a leitura da 1 linha horizontal fornece sub-título.

PÁGINA 176

		INTERPRETAR	ENSINAR		
AGORA	ESTUDAR (.)	INCLUSÃO	PNAES MEC (FS)	INCLUSÃO	INTERPRETAR (.)
ORGANIZAR	ENTÃO	MEC (FS)	FENEIS (.)	ALUNO	RUSSO PEREIRA (FS)
PESQUISAR	PRECISAR	2001 (,)	ENTÃO	SURDO	PESQUISAR
AUMENTAR	AUMENTAR	PROGRAMA 2	PROFISSIONAL	OBJETIVO	
É 2	PESQUISAR	GERAL	MELHORAR	ENSINAR (.)	
BRASIL (?)	NOVO	ENSINAR	CURSO	PESQUISAR	
INCLUSÃO	PROPOSTA	SURDO	LIBRAS 2	MOSTRAR	
SALA	ENSINAR	APOIAR	INTERPRETAR	LIBRAS	

Obs: a leitura da 1 linha horizontal fornece subtítulo.

PÁGINA 177

2006	ENSINAR	TER	DOCUMENTO	ENSINAR
ANO	INCLUSÃO	PROBLEMA	GOVERNO	TRABALHAR 2
PASSADO (,)	ESCOLA	ÁREA	OFICIAL	NOME
PERCEBER	BRASIL	ALUNO	MOSTRAR	DOIS
SENTIR	DIFÍCIL	SURDO	QUE	PALAVRAS / PALAVRAS
INTERAGIR	ENTENDER (SIM)	DIFÍCIL (.)	CLARO	TEMA
ENTRAR	TRABALHAR	ENTÃO	NÃO (NÃO)	PROFESSOR / INTÉRPRETE
TRABALHAR	PROFISSIONAL (.)	PESQUISAR	GRUPO	POR ISSO

PÁGINA 178

PROBLEMA	REPRESENTAR	CADA	MUDAR (SIM)	DIFERENTE 2
ENTENDER (NÃO)	COMO	INTERPRETAR	SUJEITO	CONCORDAR
CLARO	RELAÇÃO	CONTINUAR	INTERPRETAR	LEI (.)
ENTÃO	SURDO (.)	VOLUNTÁRIO	PROFISSIONAL	SOCIEDADE
RESPONSABILIDADE	REVISÃO	GOSTAR	MUDAR	REPRESENTAR
DENTRO	REPRESENTAR	RELIGIÃO	REPRESENTAR	MESMO
ESCOLA (,)	PROFISSIONAL 2	FAMÍLIA (,)	NOVO	RESPEITAR
SUJEITO	PROFISSIONAL	PRECISAR	RESPONSABILIDADE	NÃO (NÃO)

PÁGINA 179

FALTAR - OBJETO	BILINGUÍSMO	RESPONSABILIDADE	DIFERENTE 3 (NÃO)	PESQUISAR
INCENTIVAR	DESENVOLVER	BOM	PROBLEMA (NÃO)	ANALISAR (.)
DESEJAR	NÃO (NÃO) (.)	CAPAZ	POR ISSO	SUJEITO
INTERPRETA	DIFÍCIL	TRABALHAR	ORALIZAR	ENTÃO2

R (.)				
COMO	CONFUNDIR (YYY)	EVITAR	TAMBÉM	DENTRO
PROFISSIONAL 2	PRECISAR	PROBLEMA (.)	PROFESSOR	OU (FS)
TRABALHAR	CLARO	ALUNO	INTERPRETAR (.)	FORA
ENSINAR	ENTÃO 2	SURDO	RUSO PEREIRA (FS)	TAMBÉM

PÁGINA 180

UNIR	PROFESSOR	TER (SIM)	CONCORDAR	IGUAL
CONHEÇER	OUVINTE	PROBLEMA	CERTO	PROFESSOR
COMO	TER	PESQUISAR (.)	ALUNO	SENTIR (.)
CADA	ALUNO	PROFESSOR	SURDO	AUMENTAR
ENTRAR	SURDO	CONTROLAR	APRENDER	PROFESSOR
GRUPO	SALA	PROFESSOR / INTERPRETAR	DESENVOLVE R (.)	FALTAR - OBJETO
ENSINAR (,)	ESTUDAR (.)	QUE 2	QUANTOS	INCENTIVAR
PRINCIPAL	ALGUNS	RESPONSABILIDADE	PROFESSOR / INTERPRETAR	INTERESSE

PÁGINA 181

COM	QUE	SURDO	CONTEÚDO	MOSTRAR
INTERAGIR	NÃO TER (NÃO)	PRECISAR	CULTURA	COMO
PROFESSOR / INTERPRETAR	SUJEITO	DENTRO	RESPEITAR	EXPLICAR 2
SURDO	MOSTRAR	IMPORTANTE	PRÓPRIO	SALA
SALA	COMUNIDADE	CONHECER	SURDO	ESTUDAR
ESTUDAR (.)	ENSINAR	CULTURA	CONCORDAR	PROFESSOR
PERCEBER	ONDE	SURDO	INCLUSÃO (.)	QUERER
PESQUISAR	ALUNO	DIFERENTE 2 (.)	PESQUISAR	APRENDER

PÁGINA 182

COMO	REPRESENTAR	SURDO	ANO	AUMENTAR
ENSINAR	PROFESSOR / INTERPRETAR	INCLUSÃO (.)	2004	DISCUTIR (,)

	R			
ESCREVER	TRABALHAR	TAMBÉM	PERCEBER	NÃO (NÃO)
PORTUGUÊS	DENTRO	OBSERVAR	VIDA	BOM (NÃO)
L2 (FS)	ESCOLA	PROFESSOR / INTERPRETAR	INTERPRETAR	DESENVOLVER
PRECISAR	ACEITAR	GOSTAR	LIBRAS 2	ESPECIAL (YYY)
DESENVOLVER	PROPOSTA	LIVRE (.)	SALA	ÁREA
PRÓPRIO	ENSINAR	LEITE (FS)	ESTUDAR	ENSINAR

PÁGINA 183

SURDO (.)	INTERPRETAR	1 VISÃO	DEFERENTE	CERTO
COMO	LIBRAS (.)	É 2	CADA	NÃO (NÃO) (.)
QUE	PRECISAR	LINGUÍSTICA	SURDO (.)	QUE 2
AVALIAR	INTERAGIR	MINORIA	PESQUISAR	CAPAZ
ENSINAR	TRÊS PONTOS	PRECISAR	MOSTRAR	MELHORAR
GERAÇÃO	CULTURA	ÁREA	ESCOLHER	LIBRAS
DENTRO	LINGUÍSTICA	PROFISSIONAL	INTERPRETAR	INTERPRETAR
SISTEMA	PEDAGOGIA (.)	ENSINAR	LIBRAS	UNIR 2 (.)

PÁGINA 184

PERCEBER	INTERAGIR	ANO	ESTUDAR (.)	PEDAGOGIA
VER	INTERPRETAR	2003 (.)	USAR	TRABALHAR
NOVAMENTE	ALUNO	PESQUISAR	LIBRAS 2	DIFERENTE 3 (.)
INTERPRETAR	SURDO (.)	PENSAR - TEORIA	OBRIGAR	COMO
TRABALHAR	IMPORTANT E	VIDA	NÃO (NÃO)	CRIANÇA
ENSINAR (.)	É 2	TRABALHAR 2	CONCORDAR	SURDO
FALTAR - OBJETO	DISCUTIR (.)	INTERPRETAR	SURDO	NÃO TER (NÃO)

AVALIAR	LACERDA (FS)	SALA	RESPEITAR	INTERAGIR
---------	--------------	------	-----------	-----------

PÁGINA 185

COM	PODER	JÁ	PROBLEMA	PROFISSIONAL
LIBRAS 2	DISCUTIR (.)	PERCEBER	BARREIRA	NÃO (NÃO)
PESSOA	LIBRAS 2	RELATO (YYY)	OCUPADO	RESPONSABILIDADE
PROBLEMA	PENSAR	SURDO	DENTRO	ENSINAR
FALTAR – OBJETO (.)	INTERAGIR	DIFERENTE 3	INCLUSÃO	INCLUSÃO
GRUPO	ENSINAR	BRASIL (.)	ENSINAR (.)	PESSOA
PESSOA	SURDO	INTERPRETAR	É 2	SURDA (.)
SURDO	FUTURO 2 (.)	ESCOLA	PROFISSIONAL 2	PRECISAR

PÁGINA 186

IMPORTANTE	IMPORTANT E	DIFERENTE 2	IGUAL	IDENTIDADE
ESTIMULAR	PRECISAR	PAÍS	URUGUAI (.)	PROFESSOR (.)
PROFISSIONAL 2	ENSINAR	COMO	ÚNICO	É 2
RESPONSABILIDADE	BILINGUÍSMO	INTERPRETAR (.)	PODER	NORMAL
SUJEITO	DESENVOLVER	PAÍS	PERCEBER	PRECISAR
ENSINAR	TRABALHAR 2	FRANÇA	É 2	ENTENDER
DESENVOLVER (.)	ORGANIZAR (.)	TAMBÉM	PAÍS	ALUNO
É 2	ESCOLA	AMÉRICA LATINA	MAIS 2	ACEITAR

PÁGINA 187

ESCOLA	DENTRO (.)	ORGANIZAR	ORGANIZAR
INCLUSÃO (.)	PRECISAR	ACEITAR	PREOCUPAR
ENTÃO	INTERAGIR	INTERAGIR	TRABALHAR 2
BRASIL (.)	DESENVOLVER	COMO	COM
GRUPO	TRABALHAR	INCLUSÃO (.)	INTERPRETAR
ENSINAR	INCLUSÃO (.)	POUCO	ALUNO
CADA	PREOCUPAR	PROFESSOR	SURDO
SURDO	AINDA NÃO	TER	INTERAGIR

	(NÃO)		(.)
--	-------	--	-----

PÁGINA 188

		INTERPRETAR	FIEL	
ROSA (FS)	INTERPRETAR	FALAR	COMEÇAR	ESPECIAL (YYY)
2006	LIBRAS	PORTUGUÊS	TRADUZIR	FOCO (.)
ANO	FUTURO 2	AMBOS	PRINCIPAL	CUIDAR
APROXIMAR	ACABAR (.)	LIBRAS (.)	OBJETIVO	PERIGO
TRADUZIR	INTERPRETAR	TER	ÁREA	
ESTUDAR	NÃO TER (NÃO)	TEXTO (FS)	LÍNGUA (.)	
FIEL	LIMITE (NÃO)	NARRATIVA	PENSAR-TEORIA	
DESENVOLVER	COMO	LÍNGUA	INTERESSE	
TRABALHAR 2		OFICIAL		

Obs: A 1 Linha corresponde ao título

PÁGINA 189

VER	CERTO
ENTENDER	IMPOSSÍVEL (NÃO) (.)
GESTO	
É 2	
COMO	
PENSAR-TEORIA	
FIÉL	

PÁGINA 190

	INTERPRETAR	IDENTIDADE	
SANTOS (FS)	IDENTIDADE	4	CULTURA (.)
ANO	PODER (SIM)	INTERPRETAR	QUE (IX)
2006	IDENTIDADE	PRÓPRIO	IGUAL 2
PESQUISAR	LIBRAS	SUL	INTERPRETAR
ENCONTRAR	INTERPRETAR	BRASIL (.)	APOIAR (.)
TER	VER	BÁSICO	CANDIDATO
DIFERENTE 3	PERCEBER	ESTUDAR	TRABALHAR (.)
		TER	

Obs: Primeira linha título

PÁGINA 191

FORMAR 3	IDENTIDADE	INTERPRETAR 2	COMUNIDADE	ENTRAR
VIDA (.)	TER	SEMPRE	SURDO (.)	CONTATO

PROCURAR	DOIS GRUPOS	NÃO TER (NÃO)	SENTIR	SURDO
MELHORAR	PRIMEIRO GRUPO (IX)	CLARO (.)	IGUAL 2	MAS
PROFISSIONAL 2 (.)	SURDO	RARO	PESSOA	NÃO (NÃO) (.)
DIFERENTE 3	SEGUNDO GRUPO (IX)	INTERPRETAR	FORA	NARRATIVA
IDENTIDADE (.)	OUVINTE	ACEITAR	PAÍS (.)	SEU (.)
É 2	INTERPRETAR 2 (.)	ENTRAR	ÀS VEZES	SANTOS (FS)

PÁGINA 192

TER	SURDO (.)	MAS	SURDO	PRECISAR
ANGUSTIAR	TER	DIFERENTE 3 (NÃO)	INTERPRETAR	CONHECER
INTERPRETAR 2	CONTATO	COMUNIDADE (.)	DIFERENTE 3 (NÃO)	LIBRAS (.)
COMO	INFLUENCIA R	PERCEBER	PRÓPRIO	CULTURA
ÁREA	LIBRAS	PARECER	LUGAR	DIFERENTE 3 (.)
INTERPRETAR	LUGAR	OFICIAL	SURDO (.)	COMUNIDADE
ÁREA	COMUNIDADE	ACREDITAR	TAMBÉM	SURDO (.)
COMUNIDADE	SURDO (.)	INTERAGIR	INTERPRETAR	É 2

PÁGINA 193

SURDO	INTERPRETAR	ESTRATÉGIA	INTERPRETAR	TER
IMPORTANTE	LIBRAS	DIFERENTE	TER	CULTURA
INTERAGIR	SENTIR (NÃO)	GRUPO	INTERPRETAR 2	TRADUZIR
INTERPRETAR	ANALISAR (NÃO)	FALAR	CULTURA (.)	INTERAGIR
COM	IDENTIDADE	INTERPRETAR	NÃO (NÃO)	INTERPRETAR
COMUNIDADE	INTERPRETAR	OUTRO	SÓ	LIBRAS (.)
SURDO (.)	FALAR (.)	LÍNGUA (.)	LÍNGUA	É 2
É 2	É	MOSTRAR	MAS	INTERPRETAR

PÁGINA 194

PARECER	INTERPRETAR 2	SURDO (.)	CULTURA (,)	CULTURA
TEMA	CULTURA	PROFISSIONAL 2	LINGUÍSTICA	INTERPRETAR
FAMÍLIA	TRADUZIR (.)	TRABALHAR	DIFERENTE 3	LIBRAS (.)
GRUPO	(IX)	PRECISAR 2	SURDO	LUGAR
SURDO (.)	OUVINTE	PRÓPRIO	OUVINTE (.)	INTERPRETAR 2
POR ISSO	ENTENDER (NÃO)	LUGAR	EXPERIÊNCIA	TER
SENTIR	COMO	INTERAGIR (,)	VIDA	DÚVIDA
É	SENTIR	RESPEITAR (,)	INTERPRETAR 2	CERTO

PÁGINA 195

OU (FS)	NÃO TER (NÃO)	ÁREA (,)	MOSTRAR	OU (FS)
ACONTECER (.)	PADRÃO	FAMÍLIA	IDENTIDADE (.)	TREINAR
RESPEITAR	IDENTIDADE	PODER	ENTÃO	PROFISSIONAL 2 (.)
IDENTIDADE (.)	INTERPRETAR	LIBRAS	LIBRAS	
ANTOS (FS)	LIBRAS (.)	INTERPRETAR	INTERPRETAR	
OBSERVAR	POR ISSO	IDENTIDADE (.)	NÃO TER (NÃO)	
PERCEBER	RELIGIÃO (,)	TER	CERTO	
ENTREVISTA	PROFISSIONAL 2	DIFERENTE 3	PROFISSIONAL 2	

PÁGINA 196

	INTERPRETAR	DESENVOLVER	TRADUZIR	
QUADROS (FS)	INTERPRETAR	PORTUGUÊS	DIFERENTE 3	SALA
2004	LIBRAS	LIBRAS	ACONTECER (.)	ESTUDAR
ANO	BOM (.)	BRASIL	ENCONTRAR	3 HORAS
PESQUISAR	DIFERENTE 3	UNIR	4 PONTOS	TAMBÉM
OBSERVAR	EXEMPLO	ALUNO	INTERPRETAR	INTERVALO (.)
INTERPRETA	COMO	SURDO	LIBRAS	PESQUISA

R		(.)	(,)	R
UNIVERSIDADE	ANALISAR	PERCEBER	TODOS	3
SALA	DESENVOLVER	TER	TRABALHAR	MOMENTO
ESTUDAR				
COM				

Obs: Primeira linha título

PÁGINA 197

DIFERENTE (,)	PRIMEIRO PONTO	GERAL	NÃO COMBINAR (NÃO) (.)	ACONTECER
COMEÇAR	TIRAR	SIGNIFICADO	COMEÇAR	É
INTERPRETAR (,)	INFORMAÇÃO	POUCO	INTERPRETAR	TIRAR (.)
DEPOIS	SEGUNDO PONTO	OU (FS)	UMA HORA	ENTÃO
MEIA-HORA	INFORMAÇÃO	MUITO	TRABALHAR	TIRAR (.)
UMA HORA (.)	COLOCAR	UNIR	POUCO	POUCO
TEM (SIM)	TERCEIRO PONTO	QUARTO PONTO	ACONTECER (.)	MOMENTO
ACONTECER	SENTIR	SINAL	MAIS	INTERPRETAR (.)

PÁGINA 198

MAIS	CONFUSÃO(,)	LIBRAS 2	MOMENTO	CERTO
MOMENTO	SINAL	INFORMAÇÃO	LIMITE	PROFISSIONAL 2 (.)
BOM (NÃO)	NÃO COMBINAR (NÃO) (.)	COLOCAR (.)	INTERPRETAR (.)	PESQUISAR (,)
TIRAR (,)	DEPOIS	PROBLEMA	ENTÃO	QUADROS (FS)
TAMBÉM	UMA HORA	ENCONTRAR	PESQUISAR (,)	TAMBÉM
SENTIR	MAIS	ESTUDAR	INTERPRETAR	SENTIR
GERAL	ACONTECER	PESQUISAR	LIBRAS 2	ENCONTRAR
SIGNIFICADO	INTERPRETAR	IMPORTANT E	ENSINAR	LIBRAS 2

PÁGINA 199

DIFERENTE 3	AMBOS	COMO	OLHAR	FRENTE
-------------	-------	------	-------	--------

			(DEVER)	
SENTIR	LIBRAS 2	INTERPRETAR	SURDO	LIBRAS 2
DESENVOLVER	SURDO	TERCEIRO PONTO	QUARTO PONTO	INTERPRETAR
INTERPRETAR (:)	OUVIR	INTERPRETAR	INTERPRETAR	OPINIÃO
PRIMEIRO PONTO	SEGUNDO PONTO	INTERAGIR	LIBRAS 2 (.)	OCUPADO (NÃO) (.)
LIBRAS 2	SURDO	COM	COMEÇAR	QUINTO PONTO
INTERPRETAR	PERCEBER (NÃO)	SURDO	OLHAR (DEVER)	INTERAGIR
PORTUGUÊS	NÃO TER (NÃO)	OLHAR	SURDO	CADA

PÁGINA 200

INTERPRETAR	SENTIR	LIBRAS 2	INTERPRETAR	NÃO TER (NÃO)
TRABALHAR	DIFERENTE 3	OCUPADO (NÃO)	LIBRAS 2 (.)	CERTO
COM	PODER	INTERROMPER	PRECISAR	INTERPRETAR (.)
MAIS OU MENOS	SEMPRE	CADA	APRENDER	QUADROS (FS)
ANO	IGUAL 3	PALESTRA (.)	COM	COM
4	PRECISAR	MOSTRAR	CADA (.)	SOUZA (FS)
5	SEGUNDO PONTO	COMO	QUADROS (FS)	PESQUISAR
PRIMEIRO PONTO	INTERPRETAR	TRABALHAR	OBSERVAR	CADA

PÁGINA 201

TRADUZIR	PROFISSIONAL 2	LETRAS LIBRAS	ÁREA	MÉTODO
LIBRAS 2	TREINAR	SURDOS	LETRAS LIBRAS (.)	CADA
BRASIL	LIBRAS (.)	INTERPRETAR	COMO	SURDO (.)
DESENVOLVER	PESQUISAR	AVEA (.)	EXEMPLO	DESENVOLVER
DENTRO	COMO	COMO	TRADUZIR	PORTUGUÊS
AVEA	TRABALHAR	PENSAR-TEORIA	LIBRAS 2	LIBRAS

LETRAS LIBRAS	PROFISSIONAL	PROFISSIONAL	BRASIL	TRADUZIR
CURSO (.)	EXPERIÊNCIA	CULTURA	DIFERENTE 3	NOME

PÁGINA 202

CADA	DISCUTIR	QUADROS (FS)	SURDO
SURDO	DIFERENTE 3	COM	PENSAR-TEORIA
PERFORMANCE (FS)	SINAL	SOUZA (FS)	DENTRO
MAS	ENTÃO	PESQUISAR	AVEA (.)
É	ESCOLHER	INTERAGIR	
DESENVOLVER	SINAL	LIBRAS 2	
TRADUZIR (.)	PORTUGUÊS	ESTUDAR	
TAMBÉM	LIBRAS (.)	TRADUZIR	

PÁGINA 203

		FIM		
TRADUZIR	BRASIL (.)	PROGRAMA	CURSO	TRABALHAR
INTERPRETAR	ÁREA	LIBRAS 2	LETRAS LIBRAS	BOM (.)
LIBRAS	ENSINAR	BRASIL	LETRAS BACHARELADO	CURSO
BRASIL	PESQUISAR	PROFESSOR	SURDO	É
TRABALHAR	DESENVOLVER	ENSINAR	OU (FS)	DISTÂNCIA (.)
ANO	PROFISSIONAL 2	LIBRAS	OUVINTE	USAR
FUTURO	PRÓPRIO	INTERPRETAR	LIBRAS	LIBRAS (.)
LEI	BRASIL (.)	TRADUZIR	DESENVOLVER	BOM
LIBRAS 2		CONSEGUIR (.)		

Obs: Primeira linha título; primeira e segunda coluna possuem 9 linhas

PÁGINA 204

EXPERIÊNCIA	SUPERIOR	PAÍS (.)	PAÍS
DIFERENTE 3	ENSINAR	LETRAS LIBRAS	ABRIR
PESQUISAR	DESENVOLVER	SUPERIOR	LETRAS LIBRAS
DESENVOLVER	DENTRO	PROFISSIONAL	CURSO
AVEA	SURDO (.)	TRABALHAR	DISTÂNCIA (.)
ENSINAR	ENTÃO	GRUPO	TAMBÉM
UFSC (.)	PROGRAMA	PROFESSOR	UFSC
UNIVERSIDADE	DIVULGAR	MOSTRAR	TER
PRINCIPAL			

Obs: Primeira coluna 9 linhas.

PÁGINA 205

ORGANIZAR	SC (FS)	UFSC	AUMENTAR
CURSO	ANO	TAMBÉM	INTERPRETAR
LETRAS LIBRAS	2009 (.)	CURSO	TAMBÉM
PRESENCIAL	ACREDITAR	PRESENCIAL (.)	SURDO (.)
SALA	UNIVERSIDADE	ENTÃO	MARIANNE RONICE
ESTUDAR	NOVAMENTE	ENSINAR	
PRIMEIRA VEZ	BRASIL	DESENVOLVER	
PROGRAMA	REGIÕES	PROFISSIONAL	
LIBRAS 2	MODELO	PESQUISAR	

ANEXO II

Tradução **não** revisada do Artigo “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa” de Escrita de Sinais para Português Brasileiro.

Pág. 167 - Dígito 01

Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa

O Brasil oferece um programa de ensino para professores, intérpretes e tradutores de língua de sinais. A legislação exige a inclusão da disciplina Língua Brasileira de Sinais no currículo das áreas de educação e fonoaudiologia promovendo a acessibilidade na educação dos surdos. O curso de Letras Libras em Santa Catarina foi iniciado em 2006, entre 3.172 candidatos...

Pág. 168 - Dígito 02

...desse total 447 alunos surdos e 53 alunos ouvintes foram selecionados. Em 2008, 900 alunos foram aprovados no Letras Libras, 450 começaram seus estudos para se tornarem professores e os outros 450 ingressaram para a área de tradução e interpretação. Neste curso, as provas foram feitas em Libras. **Além disso**, a lei dá prioridade as pessoas surdas para se candidatarem ao programa de ensino de Língua Brasileira de Sinais.

Pág. 169 - Dígito 03

...se sobrarem vagas, **então** os ouvintes poderão ingressar. Esses alunos estão situados ao longo de 9 estados brasileiros, nas diversas regiões do Brasil. O programa é oferecido na modalidade à distância, através de um sistema organizado em Libras utilizando o ambiente virtual e DVD. Essa é uma área nova no Brasil. Os textos originais estavam em Português e foram traduzidos...

Pág. 170 - Dígito 04

...para Libras. Este processo de tradução veio a ser uma nova área de pesquisa.

Pág. 171 - Dígito 05

A constituição da Língua de Sinais no meio acadêmico

O programa acadêmico para formar pesquisadores, tradutores, intérpretes e professores bilíngues Português/Libras começou no Brasil através da lei Nº 10.436 do ano de 2002 tendo o decreto Nº 5.626 do ano de 2005 para a sua implementação. Para tirar proveito desta lei, a Universidade Federal de Santa Catarina criou o curso de Letras-Libras com a duração de 4 anos de graduação oferecido na...

Pág. 172 - Dígito 06

...modalidade à distância. Este programa tem por finalidade os surdos, **portanto** foi organizado de forma a expressar em Língua de Sinais respeitando a forma de ensino e aprendizagem próprio dos surdos. A participação dos surdos na organização do curso é fundamental. Esse programa tem 2 objetivos, o primeiro de formar professores de Língua de Sinais e o segundo formar intérpretes e tradutores para trabalhar entre as modalidades do português escrito, oral e da Libras,

Pág. 173 - Dígito 07

...previsto no decreto nº 5.626.

O curso de Letras-Libras se divide em duas áreas, a primeira Licenciatura para habilitar professores de Libras e a segunda Bacharelado para habilitar intérpretes e tradutores de Libras. O curso à distância democratiza o ensino para surdos e ouvintes.

Diferentes regiões do Brasil tem a oportunidade de habilitar professores de Libras a partir de uma perspectiva dos surdos, através de professores com conhecimento nas áreas de Linguística, Educação de Surdos e Libras. O curso de Letras-Libras é oferecido em 15 pólos...

Pág. 174 Dígito 08

...no Brasil.

Pág. 175 - Dígito 09

Pesquisas sobre Tradução e Interpretação de Libras no Brasil
Identificamos diferentes projetos de pesquisa relacionados ao tema.
Os pesquisadores do Bacharelado começam uma nova fase na área
de tradução, interpretação e educação em Libras.

Pág. 176 - Dígito 10

Tradução e Ensino

Atualmente no Brasil existe um grande número de projetos de pesquisa relacionados com a Libras e inclusão de estudantes surdos nas salas de aulas. (Então) Essas pesquisas são motivadas após a proposta da educação inclusiva pelo MEC em 2001, apoiada pelo PNAES/MEC/FENEIS, (então) que promoveu cursos de capacitação para intérpretes de Libras com o objetivo de permitir a inclusão de surdos. Mostraremos algumas pesquisas relacionadas a interpretação da Libras. A pesquisadora Russo Pereira (2006)...

Pág. 177 - Dígito 11

...percebe as relações entre os participantes das atividades educativas nas escolas inclusivas permitindo entender as dificuldades enfrentadas por esses profissionais, percebendo que a situação dos alunos surdos continua difícil. Então, com base em documentos oficiais podemos notar que não há clareza na função do “professor-intérprete”, por isso...

Pág. 178 - Dígito 12

...não temos compreensão clara (então) de suas responsabilidades dentro das escolas, fato que nega a representação como um atuante aliado das pessoas surdas. A representação do intérprete profissional está associada ao voluntariado religioso ou familiar e isso precisa ser modificado para permitir a construção de uma nova representação coerente com o novo papel desses profissionais

através da legislação. Algumas vezes a representação desses profissionais continua a ser desrespeitada...

Pág. 179 - Dígito 13

...resultando na falta de motivação para os intérpretes e os profissionais que trabalham na educação bilíngue também não contribuem para esse processo. Devido a essa complexibilidade exige-se **então** papéis mais definidos e capacitação profissional, **(por isso)** evitando assim os resultados negativos causados pelo modelo oralista e pelos professores-intérpretes.

A pesquisadora Russo Pereira analisa **também** as posições de inclusão contra a exclusão, e...

Pág. 180 - Dígito 14

...identifica a falta de conhecimento dos participantes, principalmente ouvindo professores que tem alunos surdos em suas salas de aula. Em alguns casos, os professores atribuem ao professor-intérprete a responsabilidade pela aprendizagem dos alunos surdos. Em geral, há uma falta de interesse e compromisso dos professores...

Pág. 181 - Dígito 15

...em sala de aula para desenvolver esta parceria com o professor-intérprete e o aluno surdo. A pesquisa mostra que não há posicionamento mostrando à comunidade educativa a importância de compreender as diferenças culturais dos surdos. O entendimento desse conceito é importante para o respeito dos surdos e sua cultura permitindo sua inclusão. A pesquisadora mostra algumas alternativas. Uma delas é que o professor em sala de aula deve saber como ensinar...

Pág. 182 - Dígito 16

...a escrita do português como segunda língua e mostra a necessidade de desenvolver a representação do professor-intérprete que atua dentro da escola como aprovação da proposta inclusiva na educação de surdos. Também observa que os professores-

intérpretes desejam mais autonomia. Leite (2004) afirma que a presença do intérprete de Libras em sala de aula traz várias discussões, o que não é bom para o desenvolvimento na área de educação...

Pág. 183- Dígito 17

...de surdos. Como é possível pelo viés do sistema de interpretação da Libras avaliar a qualidade da educação tradicional? É preciso a cooperação entre três pontos, linguístico, cultural e pedagógico, tendo em vista que uma minoria linguística precisa de práticas educativas adequadas as diferentes necessidades dos surdos. A pesquisa também mostra a escolha de intérpretes não capacitados que precisam melhorar sua proficiência em Língua de Sinais...

Pág. 184 - Dígito 18

...e a falta de vínculo entre o interprete e os alunos surdos. Estas são questões importantes para discutir. Lacerda (2003) reflete em sua pesquisa que a presença de um intérprete na sala de aula não garante que as condições dos surdos sejam respeitadas nos trabalhos pedagógicos. Como a criança surda não ter a interação...

Pág. 185 - Dígito 19

...com outros usuários de Libras. Isso é um aspecto negativo. Um grupo de surdos poderia abrir discussões dentro de uma perspectiva surda. Em vários relatos de diferentes surdos brasileiros, o intérprete escolar é inacessível e limitado em sua função de permitir a compreensão do conteúdo no ensino inclusivo. Esse profissional não garante a inclusão dos surdos na educação. É preciso...

Pág. 186 - Dígito 20

...reconhecer a responsabilidade do profissional no processo educacional. É importante ter um processo de educação bilíngue organizado. Apenas em países como França ou até mesmo Uruguai, na América Latina, existe o intérprete em sala de aula e é o professor que assume mais sua identidade, isso acontece naturalmente dada à aceitabilidade das necessidades do aluno...

Pág. 187 - Dígito 21

...incluso na escola. Então, no Brasil as comunidades educativas onde tem surdos precisam de uma cooperação ativa para a inclusão. Eles parecem ainda não estar organizados para aceitar o fato de serem responsáveis pela inclusão. Poucos professores têm organizado suas atividades para melhorar a interação com os intérpretes e alunos surdos.

Pág. 188 - Dígito 22

Fidelidade na Tradução

Rosa (2006) abordou questões dos estudos da tradução, como a fidelidade no trabalho do intérprete no viés da desconstrução. O intérprete não se limita a traduzir do português oral para a Libras. O texto é a tradução além da língua fonte objetivando a língua alvo, ela estava interessada nas reflexões sobre especificidade, os perigos...

Pág. 189 - Dígito 23

...de entender o resultado do ato prolongado de interpretação em Língua de Sinais. Na língua gestual é impossível explicar teoricamente a infidelidade.

Pág. 190 - Dígito 24

Identidade do Intérprete

Santos (2006) investiga as diferentes identidades dos intérpretes de Libras através de quatro intérpretes no sul do Brasil. Baseada nos estudos culturais, encontrou fatores comuns a estes intérpretes: assistencialismo, trabalho voluntário,...

Pág. 191 - Dígito 25

...fraca formação e intérpretes em busca de um profissionalismo com a transição de diferentes identidades. Suas identidades

estavam na fronteira entre o grupo dos surdos e o grupo dos ouvintes, e essas fronteiras nem sempre são claras. Algumas vezes os intérpretes são aceitos no grupo dos surdos e outras vezes são vistos como estrangeiros, algumas vezes eles entram em contato com as pessoas surdas, **mas** em outras vezes não. Em suas narrativas, Santos...

Pág. 192 - Dígito 26

...encontrou evidências para a sensação de angústia entre os intérpretes e a comunidade surda. Ter contato com a Língua de Sinais os aproxima da comunidade surda, **mas** não é suficiente para serem considerados parte da comunidade. Parece ter alguma relação de confiança das pessoas surdas e intérpretes que não os tornam totalmente incluídos nos espaços surdos. Além disso, os intérpretes precisam conhecer mais do que a Libras, tem de saber sua cultura para estar envolvido na comunidade surda.

Pág. 193 - Dígito 27

É muito importante para o processo de tradução esse relacionamento com a comunidade surda. Os intérpretes de Língua de Sinais não são semelhantes à identidade dos intérpretes de línguas orais, as estratégias de pertencer à comunidade surda são diferentes das outras línguas orais. Os intérpretes mostraram que são culturalmente híbridos. Não apenas a transferência de uma língua, **mas** uma tradução cultural envolvida na interpretação de Língua de Sinais. Esses intérpretes...

Pág. 194 - Dígito 28

...são “familiares” no grupo dos surdos, **por essa razão** eles estão na fronteira da tradução cultural. Os ouvintes não compreendem alguns sentimentos dos surdos. Esses profissionais precisam conquistar um espaço próprio, respeitando a cultura e as diferenças linguísticas entre surdos e ouvintes. A experiência vivida pelos intérpretes de Língua de Sinais nessas fronteiras culturais é onde ficam as incertezas, dúvidas,...

Pág. 195 - Dígito 29

...no que diz respeito às identidades. Santos, observou a partir das entrevistas que não há identidades padrões nos intérpretes de Língua de Sinais. **Por isso**, elementos como religião, área profissional e familiar podem ter impactos na identidade do intérprete. Existem diferentes identidades. **Por esse motivo**, mesmo os intérpretes que não tem formação buscam se tornar profissionais.

Pág. 196 - Dígito 30

Processo de Interpretação e Tradução

Quadros (2004) realizou uma pesquisa observando as interpretações bem sucedidas em salas de aula. Ela comparou exemplos de traduções do Português para Libras com alunos surdos no contexto educacional, percebendo diferentes erros neste contexto. Os dados incluíram quatro intérpretes de Língua de Sinais, todos trabalhavam em salas de aula por períodos de três horas intervaladas. A pesquisa foi analisada em três momentos...

Pág. 197 - Dígito 31

...diferentes: o início da interpretação, meia hora depois e após uma hora.

Os resultados apresentam os seguintes tipos de erros: 1. Omissão de informações; 2. Acréscimo de Informações; 3. Mudança da semântica e pragmática em grau menor ou maior; 4. Escolha inadequada dos sinais. Na primeira hora de trabalho havia poucos erros, geralmente omissões. **Então**, as omissões...

Pág. 198 - Dígito 32

...na segunda hora ficou mais evidente, os aparecimentos de erros semântico-pragmáticos e também algumas escolhas inadequadas de sinais foram realizadas. Após uma hora, os erros eram mais comuns e o intérprete começou a adicionar informações não relacionadas ao que foi produzido. Os problemas encontrados nesta pesquisa mostram a importância do tempo limite na interpretação. **Então**, os

intérpretes de Língua de Sinais necessitam de uma educação formal para atuar nessa profissão. Nesta pesquisa, Quadros também encontrou...

Pág. 199 - Dígito 33

...diferenças na Interpretação de Língua de Sinais: 1. O intérprete de Português/Libras sinaliza diretamente para os surdos e ouvintes; 2. O surdo não tem como verificar o resultado da interpretação; 3. O intérprete estabelece um relacionamento com o surdo através dos olhos; 4. O intérprete de Língua de Sinais posicionado na frente dos surdos tem acesso direto ao retorno sem interferências; 5. Há uma relação de cooperação...

Pág. 200 - Dígito 34

...entre o intérprete e o surdo, pois o trabalho pode durar por aproximadamente 4 e 5 anos; 6. Uso simultâneo das línguas; 7. O intérprete de Libras não pode interromper o palestrante. Isso mostra como é o trabalho do intérprete de Língua de Sinais, eles devem aprender com os surdos. Quadros observou que o profissional não tem formação na área de interpretação. Quadros e Souza pesquisam...

Pág. 201 - Dígito 35

...os processos de tradução dentro do curso de Letras-Libras cuja finalidade é formar profissionais em Libras. A pesquisa tem como objetivo apresentar algumas práticas e experiências de tradução no ambiente virtual do Letras-Libras. Como trabalhar o profissional imerso na cultura surda do Letras-Libras. Uma metodologia foi buscar exemplos de traduções em Libras realizadas por surdos. O processo de tradução do Português para Libras...

Pág. 202 - Dígito 36

...através de performance surda, **no entanto** como processos tradutórios. Este processo também incluiu a discussão sobre diferentes sinais, **então** sucede a escolha desse sinal do Português

para Libras. Quadros e Souza pesquisaram as relações entre Língua de Sinais, Estudos da Tradução e Estudos Surdos dentro do ambiente virtual.

Pág. 203 - Dígito 37

Considerações Finais

Tradutores e intérpretes de Libras no Brasil começaram seus trabalhos depois da lei de Libras brasileira. A área de educação e pesquisas está se desenvolvendo e melhorando o profissional brasileiro. O programa de Libras que irá habilitar professores, intérpretes e tradutores foi aprovado. O curso de Bacharelado em Letras-Libras permite o ingresso de pessoas surdas e ouvintes para desenvolver seus conhecimentos de trabalho. A modalidade do curso é à distância, uma boa...

Pág. 204 - Dígito 38

...experiência para as pesquisas em desenvolvimento no ambiente virtual na UFSC. Na universidade esse é o principal curso de ensino e desenvolvimento para os surdos, **então** esse programa será divulgado para todo o Brasil. Através do Letras-Libras pretende-se iniciar um processo mais amplo de formação profissional para um grupo de professores abrindo na modalidade à distância. Além disso, a UFSC tem...

Pág. 205- Dígito 39

...organizado um curso de Letras-Libras presencial, como primeiro programa no estado de Santa Catarina, no ano de 2009. Acredito que as universidades brasileiras possam utilizar esse modelo assim como nos cursos presenciais, **então** as pesquisas nessas áreas iriam aumentar gradualmente para os intérpretes e também para os surdos.

Marianne e Ronice

ANEXO III

Exemplo de alguns títulos do artigo “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa” visualizado pelo programa *Adobe Photoshop CS4*.





Tradução revisada do artigo “Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa” de Escrita de Sinais para o Português Brasileiro.

Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa

O Brasil oferece um programa de ensino para professores, intérpretes e tradutores de língua de sinais. A legislação exige a inclusão da disciplina Língua Brasileira de Sinais no currículo das áreas de educação e fonoaudiologia, promovendo assim a acessibilidade na educação dos surdos. O curso de Letras Libras em Santa Catarina foi iniciado em 2006. Entre 3.172 candidatos, 447 alunos surdos e 53 alunos ouvintes foram selecionados. Em 2008, 900 alunos foram aprovados no Letras Libras, 450 começaram seus estudos para se tornarem professores e os outros 450 ingressaram para a área de tradução e interpretação.

Neste curso, as provas foram feitas em Libras. Além disso, a lei dá prioridade as pessoas surdas se candidatarem ao programa de ensino de Língua Brasileira de Sinais. Se sobraem vagas, então os ouvintes poderão ingressar. Esses alunos estão situados ao longo de 9 (nove) estados brasileiros, nas diversas regiões do Brasil. O programa é oferecido na modalidade à distância, através de um sistema organizado em Libras utilizando o ambiente virtual e DVD. Esta é uma área nova no Brasil. Os textos originais estavam em Português e foram traduzidos para Libras. Este processo de tradução veio a ser uma nova área de pesquisa.

A Constituição da Língua de Sinais no Meio Acadêmico

O programa acadêmico para formar pesquisadores, tradutores, intérpretes e professores bilíngues Português/Libras começou no Brasil através da lei Nº 10.436 do ano de 2002, tendo o decreto Nº 5.626 do ano de 2005 para a sua implementação. Para tirar proveito desta lei, a Universidade Federal de Santa Catarina criou o curso de Letras-Libras, com duração de 4 (quatro) anos de graduação, oferecido na modalidade à distância. Este programa tem

por finalidade os surdos, portanto foi organizado de forma a expressar em Língua de Sinais, respeitando a forma de ensino e aprendizagem própria dos surdos. A participação dos surdos na organização do curso é fundamental. Esse programa tem dois objetivos. O primeiro é de formar professores de Língua de Sinais e o segundo, é de formar intérpretes e tradutores para trabalhar entre as modalidades do português escrito, oral e da Libras, previsto no decreto nº 5.626.

O curso de Letras-Libras se divide em duas áreas: a primeira é a licenciatura, para habilitar professores de Libras; e a segunda é o bacharelado, para habilitar intérpretes e tradutores de Libras. O curso à distância democratiza o ensino para surdos e ouvintes.

Diferentes regiões do Brasil tiveram a oportunidade de habilitar professores de Libras a partir de uma perspectiva dos surdos, através de professores com conhecimento nas áreas de linguística, educação de surdos e Libras. O curso de Letras-Libras foi oferecido em 15 pólos no Brasil.

Pesquisas sobre Tradução e Interpretação de Libras no Brasil

Identificamos diferentes projetos de pesquisa relacionados ao tema. Os pesquisadores do bacharelado começam uma nova fase na área de tradução, interpretação e educação em Libras.

Tradução e Ensino

Atualmente no Brasil existe um grande número de projetos de pesquisa relacionados à Libras e inclusão de estudantes surdos nas salas de aulas. Estas pesquisas são motivadas pela proposta da educação inclusiva do MEC em 2001, a qual é apoiada pelo PNAES/MEC/FENEIS, que promoveu cursos de capacitação para intérpretes de Libras com o objetivo de permitir a inclusão de surdos. Mostraremos algumas pesquisas relacionadas à interpretação da Libras. A pesquisadora Russo Pereira (2006) percebe as relações entre os participantes das atividades educativas nas escolas inclusivas, permitindo entender as dificuldades enfrentadas por esses profissionais e percebendo que a situação dos alunos surdos continua difícil. Então, com base em documentos oficiais, podemos notar que não há clareza na função do

“professor-intérprete”, por isso não temos compreensão clara de suas responsabilidades dentro das escolas. Fato este que nega a representação como um atuante aliado das pessoas surdas. O exercício do intérprete está associado ao voluntariado religioso ou familiar, e isso precisa ser modificado para permitir a construção de uma representação coerente com o novo papel desses profissionais através da legislação. Algumas vezes, a função desses profissionais continua sendo desrespeitada, resultando na falta de motivação desses que trabalham na educação bilíngue. Devido a essa complexibilidade, exigem-se então papéis mais definidos e capacitação profissional, evitando assim, os resultados negativos causados pelo modelo oralista e pelos professores-intérpretes.

A pesquisadora Russo Pereira analisa também as posições de inclusão contra a exclusão, e identifica a falta de conhecimento dos participantes, principalmente ouvindo professores que tem alunos surdos em suas salas de aula. Em alguns casos, os professores atribuem ao professor-intérprete a responsabilidade pela aprendizagem dos alunos surdos. Em geral, há uma falta de interesse e compromisso dos professores em sala de aula para desenvolver esta parceria com o professor-intérprete e o aluno surdo. A pesquisa mostra que não há posicionamento mostrando à comunidade educativa a importância de compreender as diferenças culturais dos surdos. Entender este conceito significa respeitar o surdo e sua cultura, permitindo assim sua inclusão. A pesquisadora propõe algumas alternativas. Uma delas é que o professor em sala de aula deva saber como ensinar a escrita do português como segunda língua e que mostre a necessidade de desenvolver a representação do professor-intérprete, que atua dentro da escola, como aprovação da proposta inclusiva na educação de surdos. Também observa que os professores-intérpretes desejam mais autonomia.

Leite (2004) afirma que a presença do intérprete de Libras em sala de aula traz várias discussões, o que não representa desenvolvimento na área de educação de surdos. Como é possível pelo viés do sistema de interpretação da Libras avaliar a qualidade da educação tradicional? É preciso a cooperação entre três pontos (linguístico, cultural e pedagógico), tendo em vista que uma minoria linguística precisa de práticas educativas adequadas às diferentes necessidades dos surdos. A pesquisa também mostra a

escolha de intérpretes não capacitados que precisam melhorar sua proficiência em Língua de Sinais e a falta de vínculo entre o intérprete e os alunos surdos. Estas são questões importantes para discutir.

Lacerda (2003) reflete em sua pesquisa que a presença de um intérprete na sala de aula não garante que as condições dos surdos sejam respeitadas nos trabalhos pedagógicos. Como por exemplo, a falta de interação entre a criança surda com outros usuários de Libras, isso é um aspecto negativo. Um grupo de surdos poderia abrir discussões dentro de uma perspectiva surda. Em vários relatos de diferentes surdos brasileiros, o intérprete escolar é inacessível e limitado em sua função de permitir a compreensão do conteúdo no ensino inclusivo. Este profissional não garante a inclusão dos surdos na escola. É preciso reconhecer a responsabilidade do profissional no ambiente educacional e ter um plano de educação bilíngue organizado. Na França e no Uruguai, o intérprete atua em sala de aula, mas é o professor que assume sua identidade. Isso acontece naturalmente, dada à aceitabilidade das necessidades do aluno incluso na escola.

Então, no Brasil, as comunidades educativas que têm surdos precisam de uma cooperação ativa para a inclusão. Parece que ainda não estão organizados para aceitar o fato de serem responsáveis pela inclusão. Poucos professores têm organizado suas atividades para melhorar a interação com os intérpretes e alunos surdos.

Fidelidade na Tradução

Rosa (2006) abordou questões dos estudos da tradução, como por exemplo, a fidelidade no trabalho do intérprete no viés da desconstrução. O intérprete não se limita a traduzir do português oral para a Libras. O texto é a tradução além da língua fonte objetivando a língua alvo. A autora estava interessada nas reflexões sobre especificidade, os perigos de entender o resultado do ato prolongado de interpretação em Língua de Sinais. Na língua gestual é impossível explicar teoricamente a infidelidade.

Identidade do Intérprete

Santos (2006) investiga as diferentes identidades dos intérpretes de Libras através de quatro intérpretes no sul do Brasil. Baseando-se nos estudos culturais, encontrou fatores comuns a estes intérpretes: assistencialismo, trabalho voluntário, fraca formação e intérpretes em busca de um profissionalismo com a transição de diferentes identidades. Suas identidades estavam na fronteira entre o grupo dos surdos e o grupo dos ouvintes, e essas fronteiras nem sempre são claras. Algumas vezes os intérpretes são aceitos no grupo dos surdos e outras vezes são vistos como estrangeiros, algumas vezes eles entram em contato com as pessoas surdas, mas em outras vezes não. Em suas narrativas, Santos (2006) encontrou evidências para a sensação de angústia entre os intérpretes e a comunidade surda. Ter contato com a Língua de Sinais os aproxima da comunidade surda, mas não é suficiente para serem considerados parte da comunidade. Parece ter alguma relação de confiança das pessoas surdas e intérpretes que não os tornam totalmente incluídos nos espaços surdos. Além disso, os intérpretes precisam conhecer mais do que a Libras, tem de saber sua cultura para estar envolvido na comunidade surda.

É muito importante para o processo de tradução esse relacionamento com a comunidade surda. A identidade dos intérpretes de Língua de Sinais não se assemelha à identidade dos intérpretes de línguas orais, e a relação de pertencer à comunidade surda é diferente das línguas orais. Os intérpretes mostraram que são culturalmente híbridos, não apenas na transferência de uma língua, mas nas culturas envolvidas na interpretação de Língua de Sinais. Esses intérpretes são “familiares” no grupo dos surdos, por essa razão eles estão na fronteira da tradução cultural. Os ouvintes não compreendem alguns sentimentos dos surdos. Esses profissionais precisam conquistar um espaço próprio, respeitando a cultura e as diferenças linguísticas entre surdos e ouvintes. Pela experiência vivida pelos intérpretes de Língua de Sinais, são nessas fronteiras culturais onde ficam as incertezas e dúvidas, no que diz respeito às identidades. Santos observou, a partir das entrevistas, que não há identidades padrões nos intérpretes de Língua de Sinais. Por isso, elementos como religião, área profissional e familiar, podem ter impactos na identidade do intérprete, já que existem diferentes identidades. Em razão disso, mesmo os intérpretes que não tem formação buscam se tornar profissionais.

Processo de Interpretação e Tradução

Quadros (2004) realizou uma pesquisa observando as interpretações bem sucedidas em salas de aula e comparou exemplos de traduções do Português para Libras com alunos surdos no contexto educacional, percebendo diferentes erros neste contexto. Os dados incluíram quatro intérpretes de Língua de Sinais, todos trabalhavam em salas de aula por períodos de três horas intervaladas. A pesquisa foi analisada em três momentos diferentes: o início da interpretação, meia hora depois e após uma hora.

Os resultados apresentam os seguintes tipos de erros: 1. Omissão de informações; 2. Acréscimo de Informações; 3. Mudança da semântica e pragmática em grau menor ou maior; 4. Escolha inadequada dos sinais. Na primeira hora de trabalho havia poucos erros, geralmente caracterizada por omissões. Então, as omissões na segunda hora ficaram mais evidentes, os aparecimentos de erros semântico-pragmáticos e também algumas escolhas inadequadas de sinais foram realizadas. Após uma hora, os erros eram mais comuns e o intérprete começou a adicionar informações não relacionadas ao que foi produzido. Os problemas encontrados nesta pesquisa mostram a importância do tempo limite na interpretação. Então, os intérpretes de Língua de Sinais necessitam de uma educação formal para atuar nessa profissão. Nesta pesquisa, Quadros (2004) também encontrou diferenças na Interpretação de Língua de Sinais: 1. O intérprete de Português/Libras sinaliza diretamente para os surdos e ouvintes; 2. O surdo não tem como verificar o resultado da interpretação; 3. O intérprete estabelece um relacionamento com o surdo através do estabelecimento do olhar; 4. O intérprete de Língua de Sinais posicionado na frente dos surdos tem acesso direto ao retorno sem interferências; 5. Há uma relação de cooperação entre o intérprete e o surdo, pois o trabalho pode durar por aproximadamente de 4 a 5 anos; 6. Uso simultâneo das línguas; 7. O intérprete de Libras não pode interromper o palestrante.

Os dados mostram que, para realizar um bom trabalho, o intérprete de Língua de Sinais deve aprender com os surdos. Quadros observou que há carência de bons profissionais na área de interpretação. Quadros e Souza pesquisam os processos de tradução

dentro do curso de Letras-Libras cuja finalidade é formar profissionais em Libras. A pesquisa tem como objetivo apresentar algumas práticas e experiências de tradução no ambiente virtual do Letras-Libras, como por exemplo, o profissional trabalhar imerso na cultura surda do Letras-Libras. Uma metodologia utilizada foi buscar exemplos de traduções em Libras realizadas por surdos. O processo de tradução do Português para Libras através de performance surda, contudo, como processos tradutórios. Este processo também incluiu a discussão sobre diferentes sinais, então sucede a escolha desse sinal do Português para Libras. Quadros e Souza pesquisaram as relações entre Língua de Sinais, Estudos da Tradução e Estudos Surdos dentro do ambiente virtual.

Considerações Finais

Tradutores e intérpretes de Libras no Brasil começaram seus trabalhos depois da lei de Libras. A área de educação e pesquisa está se desenvolvendo e melhorando o profissional no Brasil. O programa de Libras que habilita professores, intérpretes e tradutores foi aprovado. O curso de Bacharelado em Letras-Libras permite o ingresso de pessoas surdas e ouvintes para desenvolver seus conhecimentos de trabalho. A modalidade do curso é à distância, o que resulta em uma boa experiência para as pesquisas em desenvolvimento no ambiente virtual na UFSC. Na universidade, esse é o principal curso de ensino e desenvolvimento para os surdos, por esse motivo o programa será divulgado para todo o Brasil.

Através do Letras-Libras pretende-se iniciar um processo mais amplo de formação profissional para grupos de professores, inclusive na modalidade à distância. Além disso, a UFSC tem organizado um curso de Letras-Libras presencial, como primeiro programa no estado de Santa Catarina, no ano de 2009. Acredito que as universidades brasileiras possam utilizar esse modelo assim como nos cursos presenciais, então as pesquisas nessas áreas irão aumentar gradualmente para as áreas de estudos da tradução e educação de surdos.

Marianne e Ronice.

E-mails de autorização de publicação do artigo em escrita de sinais.

Gmail - Pedindo permissão para colocar o artigo... <https://mail.google.com/mail/u/0/?ui=2&ik=135c...>



Franz Kafka Porto Domingos
<kafkaufsc@gmail.com>

Pedindo permissão para colocar o artigo em libras dos Cadernos no apêndice de Kafka

Ronice Quadros <ronice.quadros@ufsc.br> 12 de novembro de 2013
18:26

Para: Maria Lucia Vasconcellos <marialuciabv@gmail.com>
Cc: Andréia Guerini <andrea.guerini@gmail.com>, Franz Kafka Porto Domingos <kafkaufsc@gmail.com>, Marianne Stumpf <stumpfmarianne@gmail.com>

Da minha parte e acredito que da parte da Marianne Stumpf (a quem copio este email) não há nenhum impedimento para a inclusão do texto em escrita de sinais no trabalho de mestrado do Kafka Domingos.

Att.

Ronice Müller de Quadros
Coordenadora Institucional do Letras Libras

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão - Letras Libras
Campus Universitário, s/n - Bairro Trindade
Florianópolis/SC/Brasil
<http://ronice.paginas.ufsc.br/>
www.nals.cce.ufsc.br
<http://bibibi.uconn.edu/index.html>

Em 12 de novembro de 2013 18:21, Maria Lucia Vasconcellos <marialuciabv@gmail.com> escreveu:
[Texto das mensagens anteriores oculto]



Franz Kafka Porto Domingos
<kafkaufsc@gmail.com>

**Pedindo permissão para colocar o artigo em libras
dos Cadernos no apêndice de Kafka**

Andréia Guerini <andrea.guerini@gmail.com> 13 de novembro de 2013
08:14

Para: Maria Lucia Vasconcellos <marialuciabv@gmail.com>
Cc: Franz Kafka Porto Domingos <kafkaufsc@gmail.com>, Ronice Quadros
<ronice.quadros@ufsc.br>

Maria Lúcia,

Na qualidade de editora-chefe de Cadernos de Tradução, autorizo a
publicação do artigo em Libras.

Um abraço, Andréia

Em 12 de novembro de 2013 18:21, Maria Lucia Vasconcellos
<marialuciabv@gmail.com> escreveu:

Boa tarde, Andreia,

[Texto das mensagens anteriores oculto]

--

Prof. Dra. Andréia Guerini
Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras
Pós-Graduação em Estudos da Tradução
<http://www.pget.ufsc.br/>



Franz Kafka Porto Domingos
<kafkaufsc@gmail.com>

**Pedindo permissão para colocar o artigo em libras
dos Cadernos no apêndice de Kafka**

Marianne Stumpf <stumpfmarianne@gmail.com> 13 de novembro de 2013
08:53

Para: Ronice Quadros <ronice.quadros@ufsc.br>
Cc: Maria Lucia Vasconcellos <marialuciabv@gmail.com>, Andréia Guerini
<andrea.guerini@gmail.com>, Franz Kafka Porto Domingos
<kafkaufsc@gmail.com>

Da minha parte estou de acordo.

Marianne

Em 12 de novembro de 2013 20:26, Ronice Quadros
<ronice.quadros@ufsc.br> escreveu:
[Texto das mensagens anteriores oculto]

--

Marianne Rossi Stumpf
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão - CCE
Bloco B - Sala 513 - Campus Universitário - Trindade
Florianópolis/SC
CEP: 88040-900
(48) 3721-2336 99136750

**TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA
BRASILEIRA DE SINAIS: FORMAÇÃO E
PESQUISA**

Marianne Rossi Stumpf

Universidade Federal de Santa Catarina
marianne@ead.ufsc.br

Ronice Müller de Quadros

Universidade Federal de Santa Catarina
ronice@cce.ufsc.br

Resumo: O texto a seguir está redigido na língua brasileira de sinais. O artigo apresenta uma síntese da evolução da formação dos tradutores e intérpretes da língua brasileira de sinais. Em 2002, foi publicada uma lei que reconhece a língua brasileira de sinais como língua nacional usada pela comunidade surda brasileira. A partir dessa legislação, várias ações foram desencadeadas para garantir ao surdos brasileiros o direito de acesso a sociedade na sua língua, entre eles, a tradução e interpretação dessa língua. A formação de tradutores e intérpretes vem acontecendo no país sempre associada aos movimentos surdos pelo reconhecimento de sua língua. Com a conquista de uma política linguística brasileira que reconhece a língua, os tradutores e intérpretes passaram a contar com formação em nível de graduação e pós-graduação. O presente artigo apresenta este processo de conquistas e qualificação desses profissionais no país.

Palavras-chave: tradução e interpretação da Libras, formação de tradutores e intérpretes da Libras.

Abstract: The text that follows is written in Brazilian Sign Language. The paper presents a synthesis of the educational evolution of Brazilian Sign Language translators and interpreters. In 2002, a law was passed recognizing Brazilian Sign Language as the official language used by the Brazilian Deaf community. Since this legislation, numerous actions have been developed to give deaf Brazilians the right to access society in their own language, one of these rights is the translation and interpreting of this

language.

The qualification of translators and interpreters in Brazil has always been linked to the deaf groups who have argued for the recognition of the Brazilian Sign Language as their mother tongue. Through a Brazilian policy that recognizes this language, translators and interpreters can now achieve undergraduate and graduate level qualifications. This paper presents this process of conquests and qualifications by these professionals in the country.

Keywords: Libras translation and interpretation, education of sign language translators and interpreters.

